

# Cumbiúca



 EDISE

ISSN 2317-5117



9 772317 511005 00022



# Expediente

**Editor**

Amaral Cavalcante

**Produção**

Cândida Oliveira

**Design Gráfico**

Carol Patriarca  
Cícero Guimarães  
Liz Carvalhal

**Revisão**

Yuri Gagarin  
Cândida Oliveira

**Coordenador de Pré-impressão**

Marcos Nascimento

**Gerente Editorial**

Jeferson Melo

**Colaboradores - Neste Número**

Antônio Nahud (escritor/blogueiro) • Claudfranklin Monteiro (pesquisador) • Irineu Fontes (agente cultural) • Pedro Varoni (jornalista) • Assuero Cardoso (poeta) • Sayonara Viana (agente cultural) • Thiago Barbosa (colaborador) • João Augusto Gama (colaborador) • Carlos Pinna (acadêmico/pesquisador)

## Cumbuca

Ano VII | Número 22

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020



**Governo do Estado de Sergipe**

**Governador**

Belivaldo Chagas Silva

**Secretário de Estado de Governo**

José Carlos Felizola Soares Filho

**Secretário de Estado da Comunicação**

José Sales Neto



**Serviços Gráficos de Sergipe**

**Diretor-Presidente**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

**Diretor Industrial**

Milton Alves

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

**Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.**

# carta ao leitor

Graças ao dedicado trabalho de uma equipe reduzida, mas firmemente comprometida com a manutenção dos padrões de excelência propostos por esta editoria, a atenção à revista Cumbuca vem se expandindo no universo cultural brasileiro e despertando o interesse de mestres e estudantes de Comunicação e Design.

As Universidades Federal de Sergipe e Tiradentes convocaram técnicos do nosso staff para ministrarem palestra aos seus alunos, abordando os processos de elaboração e feitura da revista.

Nossa produtora, a jornalista Cândida Oliveira, proferiu palestra para alunos do curso de Jornalismo, da UFS, a convite do professor Eduardo Leite, e os designers Carol Patriarca e Cícero Guimarães expuseram aos alunos do curso de Design, da UNIT e UFS, suas experiências na feitura da nossa Cumbuca, a convite do Centro Acadêmico de Design Gráfico da Unit (Cadegrau).

Nesta edição trazemos matérias assinadas pelos colaboradores Antonio Nahud, festejado escritor baiano e jornalista cultural de larga experiência; Claudefranklin Monteiro, pesquisador membro da Academia Sergipana de Letras; pelo agente cultural e músico Irineu Fontes; Pedro Varoni de Carvalho, editor do conceituado Blog Observatório da Imprensa; a pesquisadora e agente cultural Sayonara Viana; o jornalista Thiago Barbosa, o intelectual e ativista político João Augusto Gama e o conselheiro do Tribunal de Contas, Carlos Pinna, também pesquisador da cultura sergipana e membro da Academia Sergipana de Letras; os poemas são do vate lagartense Assuero Cardoso Barbosa.

Boa leitura

Amaral Cavalcante - Editor



Capa:  
Thiago Neumann



04

## O diabo na literatura

*Antonio Nahud*



16

## Notas sobre o Carnaval

*Claudefranklin Monteiro Santos*



26

## Música em Sergipe

*Irineu Fontes*



38

## Joubert

*Pedro Varoni*



44

## Poesias

*Assuero Cardoso Barbosa*



48

## Centenário Joel Silveira

*Sayonara Viana*



54

## Canindé

*Thiago Barbosa*



58

## Pascoal, João e Luiz

*José Augusto Gama*



62

## O Barão de Maruim

*Carlos Pinna de Assis*

su  
má  
rio

O que não é,  
mas finge ser.



*por Nabud*

O diabo na  
Literatura





“Tudo é muito mais misterioso do que se julga, e tudo isso aqui - Deus, o universo e eu (Satã) é apenas um recanto mentiroso da verdade inatingível.”

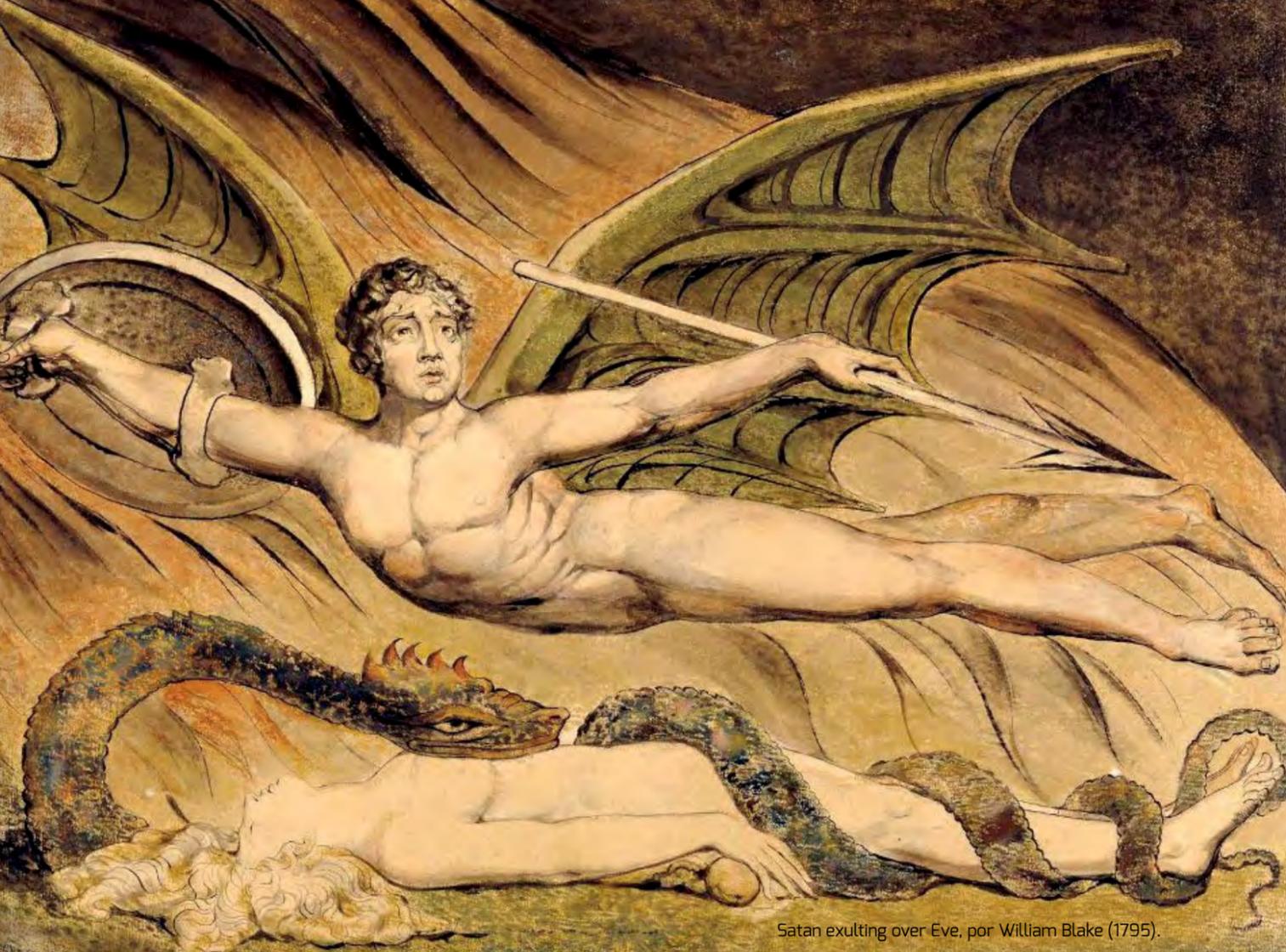
Fernando Pessoa  
“A Hora do Diabo”



**E**m Guimarães Rosa transparece todo o misticismo do sertão, uma religiosidade quase medieval, baseada apenas nos dois extremos e marcada pelo medo, pelo pavor, em que há até mesmo a preocupação de não invocar o Demo, para que ele não “forme forma”, daí o Diabo ser tratado na linguagem rosiana por “o que não existe” ou “o que não é, mas finge ser” e expressões semelhantes. Relendo o mestre Rosa, nasceu a vontade de invocar o Rabudo na história da literatura, apoiando-me nas palavras sábias de William Shakespeare: “Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa filosofia”. Afinal, ser capaz de considerar afirmações metafísicas denota sabedoria, cautela e intuição. Eu, acredito e não acredito no Senhor do Mal.

O protagonista deste ensaio se chama, em hebraico, Satã, isto é, o Adversário, o Inimigo. Em grego, o Diabo — o Acusador, o Caluniador. Ele é aquele que caiu do céu, como um raio, citado em “Lucas 10:18”. Arrastou consigo uma legião de anjos celestes, descrito em “Apocalipse 20:2”. As variadas denominações do Anjo Fulminante no meio popular revelam sua natureza dissimulada e camuflada. Conhecido como Semi-hazard, Azazel, Belial, Asmodeu (hebreus); o Eblis (muçulmano); The Old Man (Escócia); o Macaco de Deus (Idade Média); o Maligno, o Maldito, o Inimigo, o Tentador, o Maldito, o Pai da Mentira, o Príncipe das Trevas, o Cão, o Arregrado, o Beijudo, o Azucrim, o Porco, o Sujo, o Tição, o Coxo, o Anhangá, o Rabudo, como é chamado no Brasil.

Tão antigo quanto a própria literatura, Satã é um velho personagem literário, e muitos foram aqueles que registraram os passos claudicantes do Anjo Caído. Pode-se mesmo dizer que é nos tortuosos recônditos da mente humana que Lúcifer (do latim, “o portador da luz”) encontra refúgio após sua mítica expulsão das esferas celestiais. E, ao fazer do imaginário dos homens seu pandemônio, passa a inquietá-los com sua enigmática figura, inflamando-lhes o intelecto e, por conseguinte, tornando-se o cerne de discussões travadas não somente em âmbito religioso, mas também filosófico, literário e artístico.



Satan exulting over Eve, por William Blake (1795).



Sermão e atos do Anticristo, por William Blake (1499).

Muitos não partilham da credulidade acerca da existência, poderes e possibilidades do Maligno, conhecido como o primeiro rebelde do cosmos — seguido por Eva, a segunda rebelde, e por Caím, o terceiro. Como antagonista de Deus, foi e continua sendo um expressivo personagem literário, cinematográfico, musical, teatral, etc. Talvez seja sua maior estratégia, converter-se em ficção e nos convencer de que não existe, e assim existir eternamente, como afirmou Charles Baudelaire: “O melhor truque do Diabo é nos persuadir que ele não existe”. Sobre o tema espinhoso, o poeta britânico C.S. Lewis, definiu lucidamente: “Há dois erros idênticos e opostos nos quais nossa espécie pode cair acerca dos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é nutrir um interesse excessivo e doentio neles. Os próprios diabos ficam igualmente satisfeitos com ambos os erros e saúdam o materialista ou o fanático com o mesmo deleite”.



Quando era muito jovem, antes dos vinte anos, escrevi vários contos com a participação especial do Coisa Ruim, entre eles “Fúria”, “Noites de Ninguém”, “Disse-me o Demônio”, “O Demônio Acochado” e “A Mão do Diabo Está Sobre Mim”. Dois deles se perderam. Com o tempo, descobri que o Maldito pode ser encontrado em centenas de volumes. Sua epopeia — ou odisseia — diabólica foi inúmeras vezes revisitada na literatura. Como é bem típico de escritores: creio, logo duvido; não creio, logo questiono. A grandeza tétrica e a tristeza atroz do Diabo foram lembradas em divinos poemas, tragédias vigorosas, romances requintados e peças de teatro de renome.

O jesuíta Martins Terra, em sua obra “Existe o Diabo? Respondem os Teólogos” (1975), esclarece que a existência do Rabudo nunca foi negada por nenhum Papa, nenhum Concílio. Sem dúvida alguma é uma verdade de *Fide Divina et Catholica* pelo Magistério Ordinário da Igreja. Logo é um dogma de fé. “Se você não acredita em Deus, você é ateu, mas se não acredita no Diabo é igualmente ateu, já que a crença nele é um dogma de fé. Portanto, tínhamos os sem - Deus e agora temos o sem-Diabo. Não é sem razão que Jorge Luis Borges considerava a teologia como um gênero similar ao gênero fantástico”, opina a escritora brasileira Salma Ferraz.

No século III, o númida Lucius Caecilius Firmianus, conhecido como Lactantius, na obra “*Divinae Institutiones*” (c. 311), afirmou que Lúcifer teria sido nada menos, nada mais que o irmão do Logos, do Verbo, isto é da Segunda Pessoa da Trindade. O “Inferno”, a primeira parte da “Divina Comédia” (1321) de Dante Alighieri, sendo as outras duas o “Purgatório” e o “Paraíso”, é descrito com nove círculos de sofrimento localizados dentro da Terra. Dividido em trinta e quatro cantos, a viagem de Dante é uma alegoria através do que é essencialmente o conceito medieval de inferno, guiada pelo poeta romano Virgílio. Os mais variados pintores de todos os tempos reproduziam visualmente esta obra de viés épico e teológico, inclusive Sandro Boticelli, Gustave Doré e Salvador Dalí.

Em “Belfagor, o Arquidiabo que se Casou” (1549), a prosa envolvente de Nicolau Maquiavel nos conta com humor as desventuras de um Diabo que é mandado à terra para, como humano, verificar o que é o matrimônio. Certa vez, o autor declarou que ao morrer preferia ir parar no inferno, onde poderia se entreter com gente culta e engenhosa, a subir ao temeroso reino dos beatos. Christopher Marlowe e William Shakespeare usaram o Tentador como base para a representação estereotipada dos judeus em “A História Trágica do Doutor Fausto” (1604) e “O Mercador de Veneza” (1597) e dos nativos do Novo Mundo em “A Tempestade” (1611). O espanhol Calderón de la Barca colocou o Tinhoso no seu “Mágico Prodigioso” (1637).



No fim do século XVIII, a reação ao pensamento artístico neoclássico deu forma ao romance gótico fazendo do Diabo um sedutor maléfico. Na França, Jacques Cazotte publicou “O Diabo Apaixonado” (1772) enquanto que, na Inglaterra, M. G. Lewis lançou seu “The Monk” (1796). O romântico Friedrich Schiller fez apologia ao Senhor do Mal em “Bandoleiros” (1781). Alfred de Vigny e Mikhail Lérmontov, em 1840, fizeram de Satã herói de famosos poemas; Goethe, no seu “Fausto” (1808), colocou Mefistófeles como um dos protagonistas da sua história; Giosuè Carducci, agraciado com o prêmio Nobel, escreveu sobre ele; Giacomo Leopardi lançou um “Hino a Ariman” (1835): “Rei das coisas, autor do Mundo, arcana / Malvadez, sumo poder e suma / Inteligência, eterno / Dador dos males e regulador do movimento”; Victor Hugo lhe consagrou um livro inteiro, “O Fim de Satanás” (1886); Dostoiévski o apresentou no seu romance mais famoso, “Os Irmãos Karamazov” (1880); e Ibsen o evocou com o nome de “Grande Curvo” no mais significativo de seus dramas, “Peer Gynt”(1867).

Algumas obras, pelo seu conteúdo blasfemo, poderiam ser reconhecidas como inspiradas pelo espírito satânico. Um desses livros é certamente “Leviathan” (1651), de Thomas Hobbes. Ele conclui que a vida consiste na “guerra de todos contra todos”. Em “Matrimônio do Céu e do Inferno” (1790), de William Blake, os provérbios do inferno tem um inconformismo irreverente. Assim como “O Assassínio como Uma das Belas Artes” (1827), de Thomas De Quincey, ou noutro criminoso diabólico retratado em “Caneta, Lápis e Veneno” (1891), de Oscar Wilde. A teoria do mal pelo mal foi exposta, com a costumeira implacável agudeza, por Edgar Allan Poe na célebre narrativa “O Demônio da Perversidade” (1845), no qual é descrita a atração do abismo. Reflexos satânicos podem ser encontrados ainda na obra de Petrus Borel, “Madame Putiphar” (1939). Borel fundou em 1884 um jornal com o título de “Satã”.

O demônio que, sendo orgulho de poder é também mediocridade satisfeita, como dizia Gogol, no livro “Testamento” (publicado postumamente em 1762), do abade Jean Meslier, falecido em 1729, é senhor de uma frase macabra que se tornou famosa no tempo da Revolução Francesa: “É preciso estrangular o último padre com as tripas do último rei”. A notoriedade do vigário escritor se deve à autoria de um tratado filosófico promovendo o ateísmo, descoberto após sua morte.

**“É preciso estrangular o último padre com as tripas do último rei”.**



Ilustração de Gustave Doré na obra: *A Divina Comédia*.





O primeiro escritor que repetidamente enunciou a teoria da superioridade do Mal e a beleza da crueldade foi o Marquês de Sade. Talvez a verdadeira substância do sadismo seja o satanismo. Choderlos de Laclos elegeu para protagonista das suas “Ligações Perigosas” (1782), uma dama de têmpera demon iaca, a Marquesa de Merteuil. Também o Julian Sorel de “O Vermelho e o Negro” (1830), de Stendhal, tem reflexos diabólicos no seu sinistro maquiavelismo de ambicioso sem escrúpulos. Em Baudelaire, o intelecto satânico se destaca nas “Flores do Mal” (1857) e em certos frios e cruéis ap logos de “Pequenos Poemas em Prosa” (1869).

Por meio de escritores românticos, o imaginário literário quebrou o monopólio teológico da explicação demonol gica para lançá-lo ao mundo onírico do fantástico, do grotesco e do maravilhoso. O mal reaparece na criação de E. T. A. Hoffmann; no romance gótico “Melmoth, o Errabundo” (1820), de Charles Maturin; nos “Cantos de Maldoror” (1869), do poeta Conde de Lautr amont; nos “Contos Cru is” (1883), de Villiers de L’Isle-Adam; e no burlesco “Ubu Rei” (1896), de Alfred Jarry. No último poema de Arthur Rimbaud, “Uma Esta  o no Inferno” (1873), ele dialoga sem temor com o Rei do Inferno. Na trilha temática, “O Diabo e Tom Walker” (1824), conto de Washington Irving se inspirou parcialmente no “Fausto”; e “O Diabo e Daniel Webster” (1936), de Stephen Vincent Ben t, fala de um fazendeiro azarado que vende sua alma ao Diabo para tornar-se próspero. No devido tempo, a d vida   cobrada. Um eminente advogado é chamado para defendê-lo, e por meio de uma habilidosa série de argumentos, vence a causa contra o Diabo e seu cliente é salvo da perdição.



Ilustrações de Gustave Doré na obra: *A Divina Comédia*.



O italiano Giovanni Papini publicou “O Diabo” em 1953. Inteligente e inusitado, expõe teorias e concepções bastante originais sobre Lúcifer, investigando acerca da sua origem e natureza, da rebelião e seus motivos, especula o “sofrimento” de Deus pela queda de seu anjo dileto, as relações perigosas entre Deus e o Diabo. Segundo Papini: “A criação da obra de arte exige e implica uma certa dose de sensualidade e uma certa dose de orgulho, e envolve por isso uma tal ou qual cumplicidade, nem sempre apercebida, com o Demônio. Um artista que não tenha qualquer familiaridade com o Adversário, seja embora para se esquivar dele e domin -lo, não pode ser um verdadeiro artista”. Fecha seu livro com uma peça – em três atos –, “O Diabo Tentado” (1950), carregada de lirismo.

O católico George Bernanos, que se celebriu com “Sob o Sol de Satã” (1926), era obcecado pelos  ncubos e laços diabólicos, marcando toda a sua obra. Satã brilha no existencialismo de “O Diabo e o Bom Deus” (1951), de Jean-Paul Sartre. Em “Meu Fausto” (1946), além de Mefistófeles, Paul Valéry introduz três repugnantes demônios: Belial, Astaroth e Gungune. O alemão Thomas Mann, autor de “Doutor Fausto” (1947), causou pol mica ao dizer: “Que campo do humano, mesmo supondo que se trate do mais puro, do mais dignificadamente generoso, ficará totalmente inacessível ao influxo de forças infernais? Sim, cumpre até acrescentar: qual deles não necessitará nunca do fecundador contato com elas?”. Mais recentemente, o Arrenegado foi best-seller em “O Beb  de Rosemary” (1967), de Ira Levin.



Na Literatura Portuguesa, Eça de Queirós começa o conto “O Senhor Diabo” (1877) dizendo: “O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma”. Ele acredita que o Cão tem nostalgia do céu. Fernando Pessoa escreveu em inglês o enigmático “A Hora do Diabo” (1910), dizendo: “Mas essas chamas lançam, não luz, mas sim treva visível”. José Saramago teve consagração mundial com “O Evangelho Segundo Jesus Cristo” (1992). Na literatura brasileira, o Cabrunco foi lembrado na peça teatral “Macário” (1852), de Álvares de Azevedo; no Machado de Assis dos contos “A Igreja do Diabo” (1884) e “O Anjo Rafael” (1869); Monteiro Lobato em “Bocatorra” (1921); na peça “O Auto da Compadecida” (1957), de Ariano Suassuna; no romance “As Pelejas de Ojuara” (1985), do potiguar Nei Leandro de Castro; e principalmente em “Grande Sertão: Veredas” (1956), de Guimarães Rosa, onde o demônio não tem corpo, não aparece, não fala. E tanto se faz mais forte quanto o seu silêncio e a sua ausência são presenças persistentes ao longo da narrativa. O escritor mineiro, por meio de Riobaldo, nosso Fausto sertanejo, afirma que “Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele”.

“O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma”.



Nos contos folclóricos brasileiros, de marcante influência europeia, a presença do diabo é uma constante. Entre eles, “Toca por Pauta”, recolhido por Luís da Câmara Cascudo. Abundantes ainda são os exemplos em Literatura de Cordel, como “A Mulher que Enganou o Diabo” (1985), de Manoel D’Almeida Filho, em que a esposa, mais astuta que o demônio, consegue libertar o marido do pacto que este havia feito. Ser de muitas faces, “O-Que-Nunca-Ri”, nas palavras de Riobaldo, tem acompanhado a humanidade desde os primórdios, incorporando ao longo dos séculos a tradição católica, além das crenças e divindades de outros povos.

Aquele cujo nome as pessoas preferem não pronunciar foi lembrado por William Shakespeare em “Rei Lear: O Príncipe das Trevas é um cavalheiro”. E, que os crentes em Deus não se enganem, Ele precisa ser um cavalheiro. Afinal, que méritos haveria se seu adversário, a essência do mal, fosse um mero idiota com chifres e rabo? Sem alardes, Satã é reconhecido não somente como criação literária, mas também como um dos protagonistas da vida real, da nossa história. Nas últimas décadas, a evolução da sua figura mítica deparou-se com a apropriação de suas características pela indústria do entretenimento. O Diabo atual é uma sombra ofuscada daquela figura terrível e devotada do imaginário popular de outros tempos. Desconfio que seja somente mais um disfarce. Sem dúvidas, o Azucrim continua comprando almas e mandando/desmandando no mundo. **■**



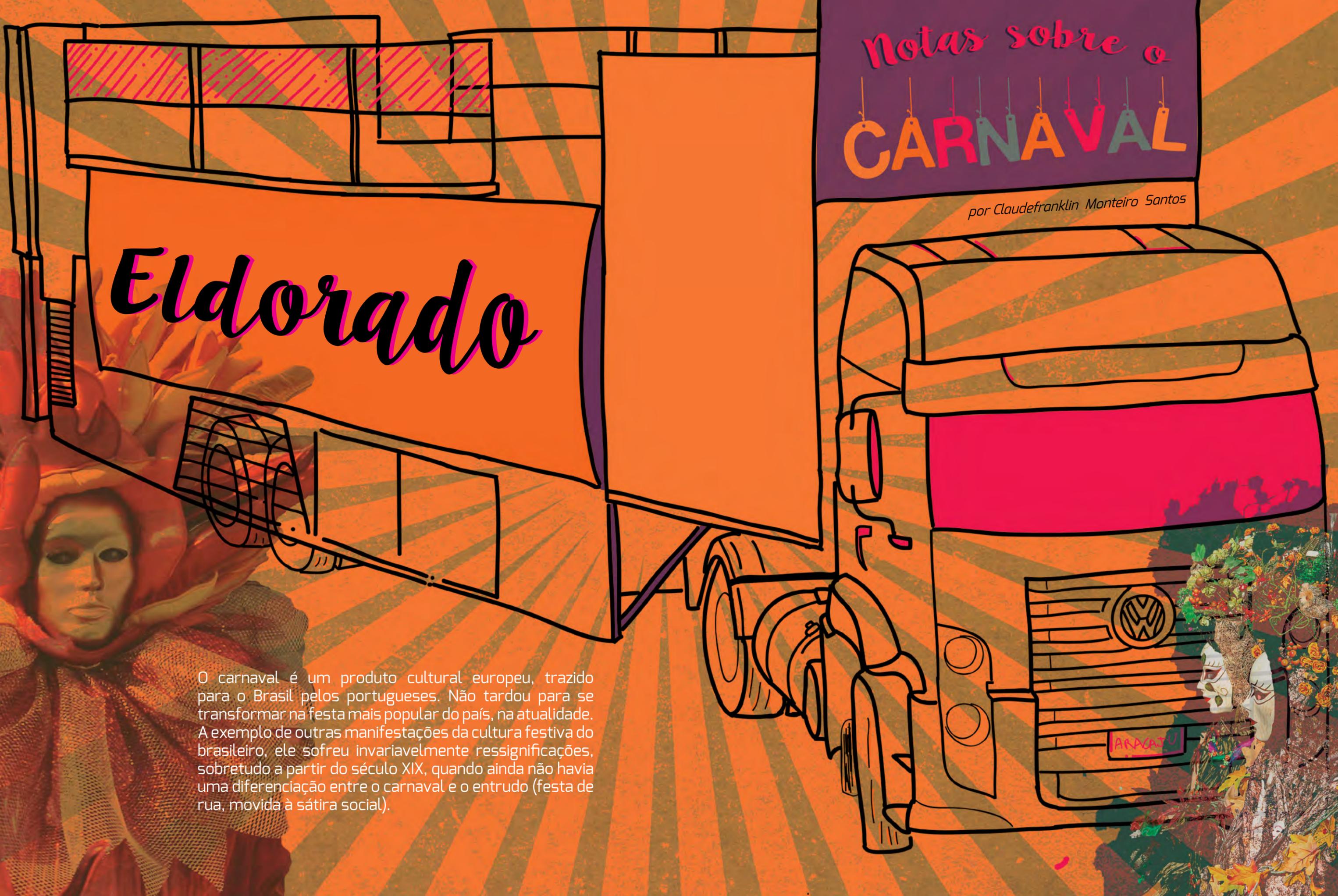
(à esquerda e à direita)  
obra *Os condenados*,  
por Luca Signorelli  
(1499 - 1505).

# Notas sobre o CARNIVAL

por Claudfranklin Monteiro Santos

## Eldorado

O carnaval é um produto cultural europeu, trazido para o Brasil pelos portugueses. Não tardou para se transformar na festa mais popular do país, na atualidade. A exemplo de outras manifestações da cultura festiva do brasileiro, ele sofreu invariavelmente ressignificações, sobretudo a partir do século XIX, quando ainda não havia uma diferenciação entre o carnaval e o entrudo (festa de rua, movida à sátira social).



Restrito aos salões e às elites, o carnaval ganhou as ruas e foi, aos poucos, assumindo contornos próprios à colônia, particularmente, com influências dos africanos, como o samba. No Rio de Janeiro, surgiram os blocos, os batuques ritmados das Escolas de Samba até atingir a feição atual, ainda popular, mas fortemente mercadológico.

Na região que conhecemos hoje por Nordeste, dois Estados deram a tônica do carnaval brasileiro, depois da região Sudeste. Pernambuco, com o Frevo. E a Bahia, com a eletrização da festa de Momo. O Frevo tem mais de cem anos e segue em plena atividade em Recife e Olinda. E o Trio Elétrico, que está perto de completar 70 anos.

Em Sergipe, as referências sobre a inserção do carnaval ainda são ínfimas. Conforme consta em registros esparsos, seus primeiros momentos nas cidades de São Cristóvão, Laranjeiras e Maruim, com a presença do entrudo, por volta do século XIX. A partir das primeiras décadas do século seguinte, a folia sergipana deu espaço para o surgimento de clubes e blocos, tais como “Arranca” e os “Filhos de Baco”.

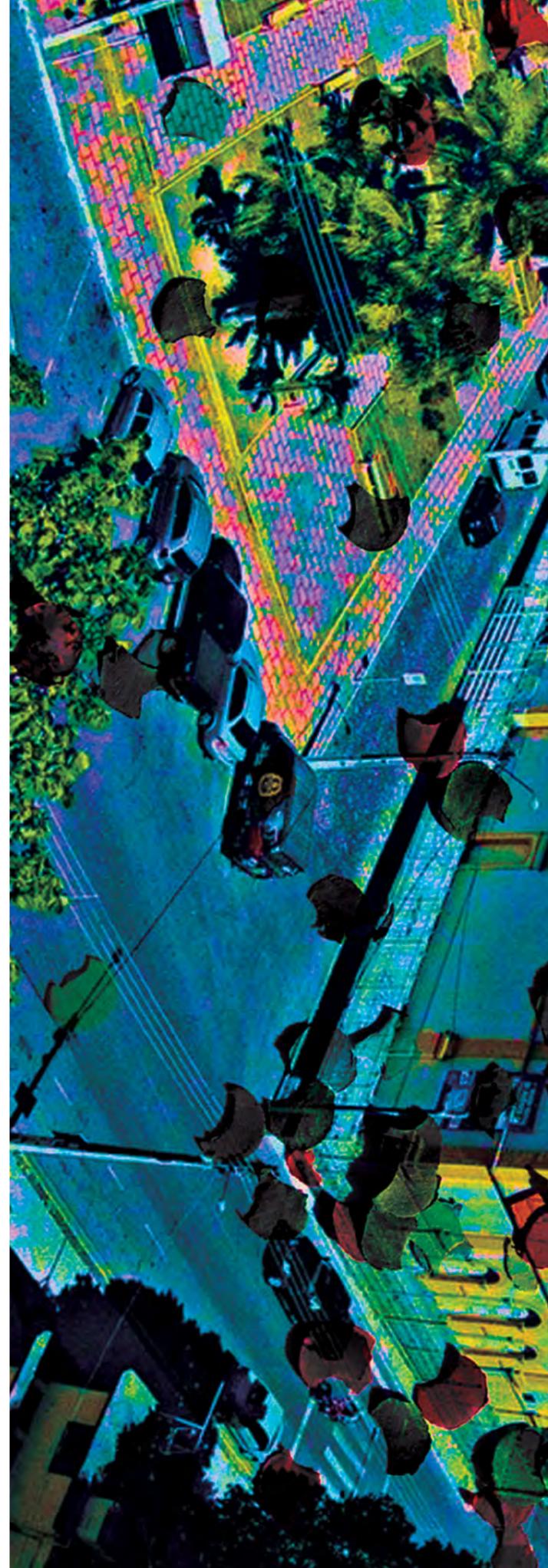
E teria seguido nessa toada por algumas décadas. Em particular, até os anos 60, 70 e 80, com os desfiles de escolas de samba e os bailes carnavalescos nos clubes, Cotinguiba, Iate, Associação Atlética e o

Vasco, sem falar naquilo que nos interessa de perto no presente artigo: o carnaval de rua, ao som do trio elétrico.

Foi nos anos 40, que dois amigos, Dôdo e Osmar, um, técnico de som e o outro, engenheiro, em Salvador, fizeram alguns experimentos para evitar um fenômeno de microfonia que sempre ocorria quando os amplificadores eram ligados aos violões e ao cavaquinho, em bailes, como os de carnaval. Daí surgiu um invento chamado inicialmente de “pau-elétrico”, rebatizado depois, por Armando Macedo (Armandinho), de Guitarra Baiana.

O instrumento foi, por anos, a “voz” de outro invento deles: a Fobica. Que nos anos 50 fazia a folia nas ruas de Salvador, atraindo centenas de pessoas e iniciando uma revolução no jeito de brincar carnaval no Brasil. A Fobica foi rebatizada de trio elétrico e se disseminou e se popularizou por todo o país, sobretudo por Orlando Tapajós e empresas, como a Saborosa, até atingir seu auge, a partir de 1974, com o Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar, que em 2019, fará 45 anos de folia.

A compreensão histórica da trajetória do trio elétrico e da música trieletrizada em Sergipe se dá a partir de três movimentos: 1) uso para fins eleitorais; 2) inserção na vida social do carnaval; 3) carnavais fora de época. Tudo isso, num espaço temporal que compreende as décadas de 70, 80 e 90.



Estância-SE, 1976  
Foto: Acervo de Carlos Augusto Gomes Barreto



Trio de Edvaldo Medeiro, da Rua Laranjeiras (Aracaju, 1974)

Em postagem do portal Caranguejo News, de 18 de fevereiro de 2017, assinado por Douglas Magalhães, citando como fonte o jornal “Achaqui” do Bairro Getúlio Vargas, uma matéria afirma que o primeiro trio elétrico de Sergipe foi criado em 1974, por iniciativa de Edvaldo Medeiros, que havia trazido a ideia da Bahia, e construído nos fundos da oficina de Seu Juarez, na rua de Laranjeiras, em Aracaju. Afirma que teve o apoio da empresa rodoviária Bomfim, na pessoa do empresário Lauro, e da TV Sergipe. Um trecho da matéria traduz um pouco do que foi o ambiente da época: “Atrás do trio, no carnaval de 1975, seguia uma carreta com varias autoridades vestindo mortaldas e capuz preto e a galera no chão pulando e cantando ao som do trio”.

Ainda segundo informações extraídas da matéria do portal Caranguejo News, diz-se que a folia elétrica de Aracaju teve como ponto de partida o Bairro Getúlio Vargas, tendo como destino a Praça Fausto Cardoso. A animação ficava por conta da orquestra de Medeiros, a Banda Viking e a bandinha de frevo do tenente Gilson.

Contrariando a referida nota, intitulada “O primeiro trio elétrico de Sergipe”, um levantamento preliminar de fontes impressas e orais sobre o assunto (que constará mais tarde em um livro) atestam que já havia trio elétrico em Sergipe antes de 1974.

Em entrevista com o jornalista José Raymundo Ribeiro (Cabo Zé), ele afirma

que na campanha de seu irmão, Ribei-rinho, para a Prefeitura de Lagarto, em 1961, montou sobre uma caminhonete F350, da Ford, um trio com oito cornetas (bocas de alto-falantes), inspirado no Trio Tapajós de Salvador, que ele teve a oportunidade de conhecer no carnaval do ano anterior. Cabo Zé, além de conhecido político da vida sergipana, tornou-se um dos grandes proprietários de trios elétricos de Sergipe, entre eles o Trio Elétrico Eldorado, requisitado pelos baianos para seus carnavais.

Ainda em Lagarto, outras informações dão conta da existência de trio elétrico, também, nos anos 70. Primeiro, na administração de José Ribeiro de Sousa (Zé Coletor, 1971-1972). Depois, na campanha vitoriosa para a Prefeitura, do odontólogo João Almeida Rocha de 1972, quando um trio elétrico, montado sobre um caminhão de um motorista de táxi, conhecido por Seu Dadá, fazia a festa das pessoas entre a Praça da Piedade e a Praça Filamento Hora. Segundo o músico e comerciante aposentado, Rinaldo Prata, que foi guitarrista daquele trio, uma multidão pulava ao som dos hits de carnaval daquele momento, como Atrás do Trio Elétrico (1969), de Caetano Veloso, e do repertório do Trio Tapajós. No final dos anos 70 e início dos anos 80, na administração de José Vieira Filho, um trio elétrico da Prefeitura Municipal fazia a festa dos foliões.

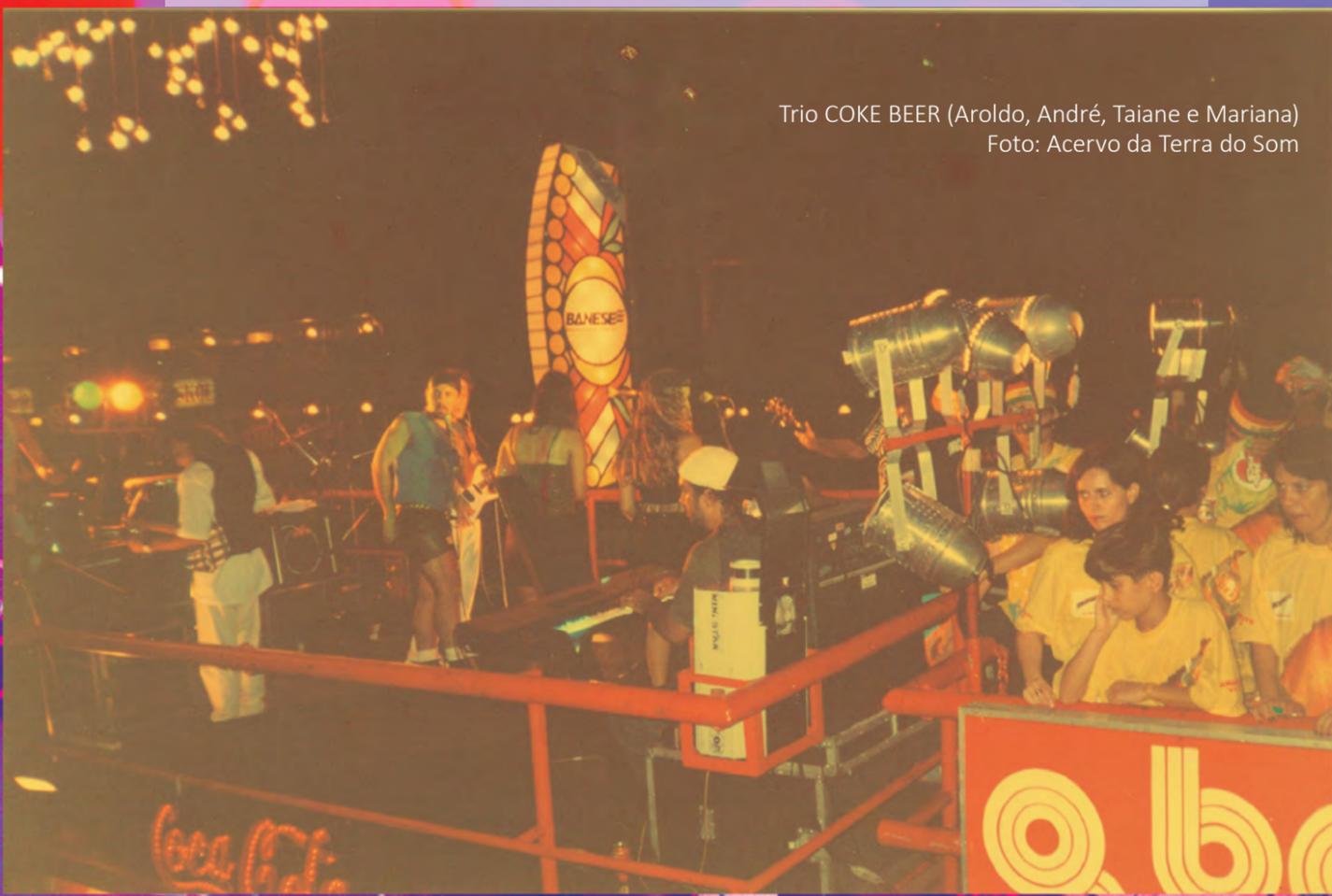


Trio Elétrico da Fátima, 1970  
Foto: Acervo Wanderlan Almeida

Até 1975, o Trio Elétrico não foi utilizado no Carnaval, pelo menos em Aracaju, onde na folia predominava o desfile de blocos e escolas de samba. Somente a partir do ano seguinte é que surgem as primeiras notícias. Em 1976, fala-se de mais de seis mil pessoas acompanhando o cortejo elétrico, que foi bancado pelas empresas baianas: Bonfim e Fátima. Em 1977, nem mesmo o caminhão elétrico animou os foliões, segundo registros do jornal “Gazeta de Sergipe”, que classificou o carnaval de rua como fraco. Já outra nota, da mesma fonte, em 1979, lamentava a ausência do trio naquele carnaval por conta de problemas nas cifras musicais.

Sobre o Trio Elétrico da Fátima, que animou o carnaval de Aracaju por anos, o empresário Wanderlan Teixeira de Almeida (filho do fundador da empresa, Josino Almeida) conta que tudo começou com uma brincadeira comandada por seu irmão mais velho, José Almeida, que se utilizou de uma carcaça de ônibus, colocou cornetas e contratou uma charanga. Era a Bandinha da Fátima, no final dos anos 60, que no início dos anos 70, viria a ser o trio elétrico da firma. A mesma empresa, a partir de 1993, confeccionou o Trio Elétrico Voyage, até hoje em plena atividade.

Trio COKE BEER (Aroldo, André, Taiane e Mariana)  
Foto: Acervo da Terra do Som



Como se vê, Lagarto se transformou num polo importante de produção e exportação de trios elétricos. Além dos já citados Trio Elétrico Eldorado e Trio Elétrico Voyage, uma nota extra para o Trio Elétrico Radiofon (criado em 1990), do saudoso Hercílio, falecido em 2018.

Ainda nos anos 70, em Estância, mais precisamente em 1976, o empresário Nivaldo Silva, à época vice-prefeito da cidade construiu o Trio Elétrico Luminosidade, transformando, em definitivo, o jeito de brincar do carnaval da juventude. Sim, a juventude, pois a novidade não gozava da simpatia dos mais velhos, saudosistas e também das elites, que preferiam os salões e os bailes. Fenômeno que se verificou em todos os lugares do Brasil, onde o invento baiano foi adotado.

Em 1980, ainda em Aracaju, o Trio Elétrico da Fátima tomou conta da folia, saindo durante todos os dias de carnaval. Naquele ano, Moraes Moreira fez uma apresentação no dia 30 de janeiro no auditório do Colégio Atheneu, com o show “Lá vem o Brasil descendo a ladeira”. Originário dos Novos Baianos, em carreira solo e fazendo sucesso nacional, ele foi o primeiro cantor de trio elétrico e o primeiro cantor do Trio Elétrico Armandinho Dodô e Osmar, estreando em 1975.

Os primeiros shows de Moraes Moreira no início dos anos 80 abriram espaço para a família Macedo começar a dar o tom do carnaval trieletrizado de Sergipe. Não somente na capital, mas também no interior do Estado, o repertório tocado e cantado do grupo predominou na rua, nos trios sergipanos e também nos bailes. O carnaval de 1982 aconteceu na última semana de fevereiro, por exemplo. Naquele ano, o Trio Elétrico Armandinho Dodô e Osmar se apresentou pela primeira vez em Aracaju no Teatro Constâncio Vieira, uma promoção dos formandos do Curso de Engenharia Química e Química Industrial da UFS. Nos anos seguintes, o grupo retornou todos os anos, com apresentações com a presença de grandes multidões.

Mais tarde, o grupo conheceu uma figura importante para eles, sobretudo no que diz respeito à feitura de instrumentos de corda, particularmente a guitarra baiana. Trata-se do propriaense Elifas Santana, que reside e trabalha em Aracaju atualmente. Ele mantém uma oficina nas proximidades do Teatro Tobias Barreto. Elifas conheceu Armandinho em 1996 e logo se tornaram amigos, sendo responsável direto pelo design e produção de suas guitarras e de Aroldo Macedo, além de outros nomes da folia baiana, como Moraes e Pepeu Gomes. Ele é o luthier do trio, além de dar suporte na parte técnica.

Campanha eleitoral em Lagarto-Se  
Foto: Acervo de Rinaldo Prata



Outro personagem que passa a fazer parte e com destaque na folia aracajuana foi o apresentador Hilton Lopes. Nas prévias e nos carnavais seguintes a 1983, era comum vê-lo animando a multidão, em cima dos trios, a exemplo do Trio Tribunalão. Durante a década de 80, novos e mais trios passam a fazer parte da programação festiva promovida pela Prefeitura.

Nos anos 90, a folia muda de figura novamente, mas o trio elétrico, mais do que nunca, segue sendo utilizado. Os chamados carnavais fora de época assumem aspectos cada vez mais mercadológicos e restritos a blocos e a uma parcela da população que podia comprar os abadás, camisas ou fantasias que serviam como “ingresso” para brincar atrás da corda, protegidos por seguranças e todo um esquema de proteção.

Em Sergipe, em 1992, o Pré-caju tornou-se um exemplo disso. Com o sucesso do Axé Music desde a década anterior, naquele ano, bandas baianas (Asa de Águia e Banda Brilho), que já estavam acostumados àquele novo tipo de carnaval trieletrizado, se fizeram presentes em Aracaju, algumas delas, com seus próprios trios ou mesmo trios sergipanos, que também eram requisitados em Salvador, durante a festa momesca. No interior do Estado, as Prefeituras aderiram aos carnavais fora de época, com blocos e trios elétricos puxando e animando a festa.

Os trios elétricos seguiram sendo instrumentos para animar comícios, carnavais e micaretas, e popularizam de tal maneira a servir para os mais variados fins e épocas. Até festa de aniversário da cidade, festa junina (acredite) e festa de padroeiro. A propósito dessa última, uma nota assinada pelo Bispo de Propriá, Dom Palmeira Lessa, datada de 31 de agosto de 1994, dava ciência de uma reunião do clero com o Conselho Presbiteral, ocorrida em Salgado, em 06 de junho, orientando aos promotores das festas, particularmente entes públicos, à busca de um espaço e horário para o trio elétrico que não causasse “prejuízo ou perturbação aos valores e atos da fé cristã”.

Os sergipanos se renderam aos encantos da Bahia e se tornaram produtores e exportadores de trio elétricos, também. Para além do sucesso dos carnavais fora de época e das investidas nas campanhas eleitorais, o caminhão da alegria, de Dodô e Osmar, passou a fazer parte da vida social do Estado, não sendo diferente no período momesco. Sinônimo de alegria, o trio elétrico disseminou a música trieletrizada, sendo responsável por capítulos significativos da História Cultural de Sergipe, aqui, apenas retratada por algumas notas. 



A música é paixão universal, um caldeirão com misturas de todos os ritmos, principalmente na nossa cultura, influenciada por uma diversidade de raças e costumes. Aqui, tínhamos os moradores, os donos da terra, os índios tupinambás e colonizadores de várias culturas, como os franceses, os holandeses e os portugueses, com seus alaúdes, cravos e violinos.

Recebemos, também, as canções dos negros, seus batuques e ritmos, que ao passar dos tempos foram influenciados pela cultura Europeia, das óperas, dos frades beneditinos e o canto das crenças, deixados pelos portugueses.

As primeiras manifestações musicais que se tem registro são os grupos criados nas instituições religiosas e filarmônicas, onde a população dos povoados da Capitania estudava e ouvia música.

Em 1745 é criada a orquestra Sacra, Instrumental e Coral, da Igreja Matriz da Freguesia e Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, pelo vigário licenciado da Capitania de Sergipe Del Rei, Francisco da Silva Lobo. Esta é a mais antiga Instituição Musical do Brasil, destinada, principalmente, aos atos religiosos. Fez parte dela, como cantor e flautista, o então professor de latinidade, Tobias Barreto de Meneses (1857-59). Para o orgulho da cidade de Itabaiana, em fevereiro de 1879, a orquestra foi transformada, em “Philarmônica Euphrosina” e, em 31 de outubro de 1897, teve o nome mudado outra vez para

“Philarmônica Nossa Senhora da Conceição”.

Os nossos primeiros grandes músicos e cantores surgiram dessas instituições, e um dos maiores nomes da música em Sergipe nasceu em 27 de fevereiro de 1900: Luís Americano do Rego, filho do mestre-de-banda, Jorge Americano. Com o pai começou a estudar música com 13 anos de idade. Luiz ingressou no exército e tocou clarinete na banda militar de Aracaju. Aos 22 anos, na então Capital Federal, tentou a carreira como instrumentista. Logo foi notado no cenário carioca. Integrou as orquestras de Justo Nieto, Raul Lipoff, Simon Bountman e Romeu Silva. Trabalhou também ao lado de figuras fundamentais da música popular brasileira como Pixinguinha, Donga, Bonfíglio de Oliveira, João da Bahiana, Radamés Gnattali, Luciano Perrone, Luperce Miranda entre outros.

No seu livro Enciclopédia da Música Brasileira Popular, Zuza Homem de Mello coloca o Luiz Americano como um dos pioneiros da Radio Sociedade (a primeira do Brasil), nessa época começa suas primeiras gravações na Odeon para casa Edson.

Transfere-se para a Argentina e, em 1932, forma com Pixinguinha, Donga e João Bahia o Grupo Velha Guarda.

O som de seu saxofone e Clarinete está na maioria dos discos de Carmem Miranda e participa da famosa gravação realizada pelo maestro Leopoldo Stokowski, em 1940, com Villa Lobos e Donga, no

navio Uruguai. Dentre suas composições, destacam-se: ‘É do que há’, ‘Lágrimas de Virgem’ e ‘Numa Seresta’, este, talvez, o seu choro mais conhecido.

Exerceu intensa atividade artística entre as décadas de 1930 e 1950, foi músico de estúdio da Rádio Mayrink Veiga e, de 50 até a sua morte; da Rádio Nacional, destacando-se no universo do choro. Acompanhou os mais famosos cantores da época, além de tocar no teatro musicado, nos dancings e em orquestras de rádio, como a Mayrink Veiga e a Rádio Nacional. Em 1954, Ary Barroso, entrevistado pela “Revista da Música Popular”, o citou como dos mais importantes músicos da música popular brasileira. Luiz Americano, gênio do clarinete e sax, faleceu aos 60 anos.

## Música no rádio

No caminho do sucesso das emissoras de rádio do sul do país, Aracaju recebe a primeira rádio do estado, a PRJ6 Rádio Difusora de Sergipe, atual rádio Aperipê de Sergipe ZYD-2.

Em 07 de fevereiro de 1939, com uma programação de músicas ao vivo e com a presença do Grande Seresteiro do Brasil, Silvio Caldas, acompanhado do regional do Carnera e Miguel Alves.

Na função de diretor artístico da PRJ-6, Alfredo Gomes exerceu uma in-

fluência significativa no rádio sergipano, é dele a responsabilidade de vários nomes artísticos dos nossos artistas. Alfredo Gomes/Rubem Vergara respondia por muitos dos nomes artísticos e citações existentes no rádio de Sergipe dos anos 40.

É dele o título dado ao João Mello “O cantor Máximo de Sergipe”, “o poeta seresteiro”.

“Pinduca e sua radorquestra” foi outro nome dado pelo Gomes para o Maestro Luiz D’Anunciação, que anos depois, viria a trabalhar como regente da orquestra do programa televisivo de Abelardo Barbosa, o Chacrinha.

As “armas” do Departamento de Propaganda sergipano nos anos 40 era o cast da Radio Aperipê que apresentava os grandes nomes da música de Aracaju, Dão, João Lopes, Guaracy Leite França, Bissexto, Maria Célia, Manoel Aragão, Dalva Cavalcanti, Neuza Paes, Rute Brandão, Genaro Plech, Pinduca, tendo como figuras centrais o João Melo, João Bezerra, e o Carnera. Murillo Mellins afirma o seguinte sobre Alfredo Gomes: O rádio revitalizou a vida cultural sergipana, ampliando o contato de artistas com o público. A Rádio Difusora, desde o ano da sua inauguração em 1930 cumpriu um importantíssimo papel ao levar ao ar vozes e instrumentos que davam a trilha sonora à vida da capital sergipana.

Cito Antonio Teles — que eu conheci nas serestas do meu avô José Domínguez Fontes —, Dão, Floriano Valente, a Rádio

Orquestra de Pinduca, os Regionais de Eutímio, Honor Gregório, João Argolo, Carnera e tantos outros astros de primeira grandeza, que fizeram a radiofonia dos primeiros tempos e abriram caminho para os artistas da atualidade

Duas décadas depois do surgimento da Rádio Difusora, é inaugurada mais três emissoras em Aracaju. Em 1953 a Rádio Liberdade, em 58 a Rádio Jornal e a Rádio Cultura em 59, e o primeiro estúdio de gravações em acetato, iniciando a produção de jingles e de fitas e discos de cantores e músicos locais, de propriedade do Sr. José Órico.

### Estrelas da nossa música

João Melo Nasceu em 24 de junho de 1921, em Salvador (BA), e aos três anos de idade já estava morando na cidade de Boquim (SE), vindo para a capital sergipana nos anos 30. Estudante do Atheneu Sergipense, recebeu a influência musical do grande amigo Carnera. João Melo passou a circular nos auditórios das emissoras de rádio. Aos 19 anos, foi para o Rio de Janeiro, a convite de Sílvio Caldas e lá se apresentou pela primeira vez na Rádio Tupy. Voltando a Aracaju para servir o Exército, Melo não deixou a rotina das apresentações no Rádio e nos clubes e casas da sociedade Aracajuana. Em 1950, já casado, sai de Aracaju e vai morar em Salva-

dor, onde conhece o compositor Codó. De lá vai para o Rio de Janeiro e aí, o compositor ganhou o mundo, com músicas gravadas por Sérgio Mendes, João Donato e outros intérpretes da música brasileira.

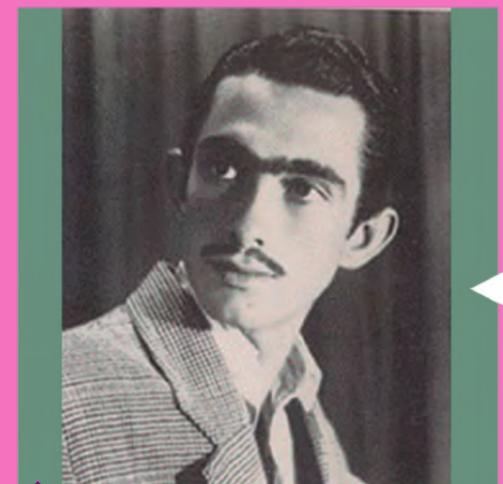
João trabalhou durante 12 anos na Companhia Brasileira de Discos que representava os discos da Phillips, Polydor e Fontana como compositor e produtor musical e lá lança seu primeiro artista, o Jorge Ben Jor. Na década de 70, João Melo foi convidado para trabalhar como produtor na Som Livre, onde descobriu o cantor alagoano Djavan e lá produziu artistas como Paulinho da Viola, Jorge Ben Jor, Luiz Melodia, Geraldo Azevedo, Baden Powell, entre outros. Em 1973 produz a trilha sonora da novela “O Bem-Amado”, a primeira gravada em cores.

Quando comecei a cantar, ainda menino, meu pai dizia: “Pra cantar tem que cantar como João Melo e ouvir os discos do João muitas vezes”. Quando João resolve se aposentar e vem morar definitivamente em Aracaju tive o privilégio de me tornar amigo do cantor máximo de Sergipe. Gravamos no meu estúdio, Capitania do Som, seu último disco “Coração Só Faz Bater”, e que foi lançado pela Som Livre em 2000.

Maestro Luiz D’Anunciação o nosso Pinduca, nasceu em 1926, em Propriá - Sergipe. É percussionista, compositor e pesquisador. Iniciou seus estudos de música com o seu pai.



José Augusto



João Melo



De 1955 a 1959, é diretor do departamento de Percussão da Escola Brasileira de Música e responsável pelo naipe de percussão da Orquestra Sinfônica Brasileira. Orientador técnico na implantação do curso de percussão da Universidade Federal de Santa Maria (Rio Grande do Sul) e consultor da publicação “Instrumentos Musicais Brasileiros” - Projeto Cultural RHODIA, (1988) e da Edição Brasileira do Dicionário GROVE de Música. É percussionista, concertista, autor, compositor, com formação nos Seminários de Música da Universidade Federal da Bahia (1956 a 1959), fez estudos de percussão na Universidade do Colorado, em Boulder, Estados Unidos. Foi aluno de vibrafone de Phil Kraus, em Nova York, de marimba com José Bethancourt, em Chicago, e estudou percussão cubana com José Helario Amat e Lino Neiva Bethancourt, em Havana, 1996. Pinduca preparou o ‘naipe’ de percussão da Orquestra Sinfônica Brasileira nas excursões à Europa, Estados Unidos e Canadá, sob a direção do Maestro Isaac Karabtchevsky.

## Os meninos da música

Entre as grandes estrelas da música de Aracaju havia um grupo de meninos: Alexandre Diniz, Adilson Alves, o Gravatinha, Edildécio Andrade, José Augusto e Vilermando Orico todos buscando espaço em programas de auditório apresentados por Santos Mendonça, Aglaé Fontes, Nelson Souza, e outros. Cada um com seu estilo, sua voz identificada facilmente, seu repertório.

Alexandre Diniz gostava de cantar sentado em um banquinho como João Gilberto, fez carreira como professor de Geografia na Universidade Federal de Sergipe. Adilson Alves “o Gravatinha” gravou alguns discos, fez shows, mas, com o passar do tempo e o domínio da TV, na qual teve participação, afastou-se. Edildécio Andrade foi mais longe, pois foi o violão e a voz do Trio Irakitan, um dos mais antigos grupos musicais do Brasil. José Augusto, com apenas 13 anos de idade, em 1949, iniciou sua carreira na Rádio Difusora, e em 1956, muda-se para o Sul do País seguindo o sucesso do João Melo e do Maestro Pinduca.

Em 1960, gravou seu primeiro disco, pela gravadora Chantecler, e seu talento logo foi descoberto por grandes gravadoras; gravou 12 discos com mais de 200 músicas e os seus maiores sucessos foram as músicas “Beijo gelado”, de Rubens Machado, “Minha mãezinha” e “Angústia da solidão”, ambas de sua autoria. Faleceu em um acidente trágico em 1981, próximo a cidade baiana Feira de Santana, no auge de uma das carreiras mais solidas da música sergipana e brasileira. Vilermando Orico, com uma voz intensa de fortes agudos cantava quase tudo, incluindo as músicas que fazia ainda menino. Cantava e tocava piano, vestindo-se como um astro de Hollywood, com direito a fã clube. Era a primeira carreira artística planejada na capital de Sergipe. Dominava o piano e montou um trio, com o nome de Nino e seu conjunto, e fez enorme sucesso nas tardes de domingo, na Associação Atlética de Sergipe, tocando inclusive bossa nova e acompanhando os cantores concorrentes nos festivais de música da década de sessenta. Mudou-se para Salvador e depois para São Luiz do Maranhão onde tocou como pianista no Hotel 4 Rodas falecendo em 1984.

## Os festivais de MPB

Com o golpe militar de 1964 aumentou o grau de conscientização política do povo brasileiro as disputas ideológicas acirram-se entre os vários segmentos da sociedade brasileira.

A cultura musical acompanhou todas essas mudanças com a afirmação da bossa nova e o surgimento das músicas de cunho social e protesto apresentadas, principalmente, nos festivais de Música Popular, que tiveram o seu auge nos anos 60. Promovidos pelas TVs Excelsior e Record. Assim surgira Sérgio Ricardo, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tom Zé, Geraldo Vandré, e muitos outros.

Em Aracaju, os festivais da segunda metade da década de 60, impulsionaram o surgimento da nova música aracajuana. Jovens compositores, cantores e músicos acompanhando o pensamento musical nacional como a bossa nova, os Sambas e canções com letras de amor e proclamando a liberdade. Participavam dos festivais da canção, artistas como: Marcos Antônio (Popular Marcos Chulé), Ariqueitiba, Luiz Antônio Barreto, Antônio Vilela, Antônio Telles, Hunald de Alencar, Alcides Melo, Irmão, Grupo as Moendas, Claudio Miguel, Nery e Valdefrê, Miron, Ailton Cardoso, Tonho Baixinho, Trio Atalaia, Heribaldo e sua Orquestra, Los Guaranis, Brasa Dez, Os Nômades, Vikings, e Bandas de Rock, nomes que nortearam a música sergipana nas décadas seguintes.

Com a decretação do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, os artistas e suas músicas eram perseguidos pela censura, as canções politizadas foram retiradas das rádios, TV e palcos. Mesmo assim, não se pode dizer que o gênero tenha sido extinto.

Ao longo dos anos 70, os compositores foram obrigados a exercitar com muito mais força a sua criatividade e as metáforas para que as suas mensagens, mais ou menos cifradas, chegassem até o público. Um dos artistas mais atuantes na década de 70 era o Alcides Melo vencedor do I Festival Estudantil da Canção, com a música Retirante.

Ciro Monteiro, Carmen Miranda, Luperce Miranda, Laurindo Almeida e o violonista Pereira Filho

Foto: Acervo Frazo Reduz Cortada



Banda Nossa Senhora da Conceição de Itabaiana

Foto: Acervo da banda



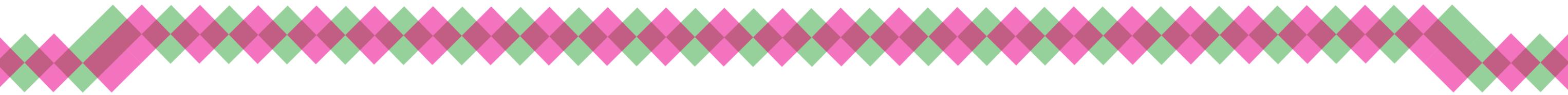
João Melo, Jorge Ben Jor e Moraes Moreira

No começo dos anos 1980 a cidade de Aracaju é tomada de surpresa com a volta dos Festivais e acontece o I FSMPB (Festival Sergipano de Música Popular Brasileira) promovido pela TV Sergipe, vencido por Alcides Melo com a Música “Mercado Thalles Ferraz. Surgem aí novos talentos como: Grupo Bolo de Feira, Grupo Repente, Paulo Lobo, Antônio Carlos Du Aracaju, Irineu Fontes (Neu Fontes), Lula Ribeiro, Joésia Ramos, Chico Queiroga, Dalila, Mingo Santana, Emanuel Dantas, Alexi Pinheiro, Chico Pires, Joésia Ramos, Jimmy e Nenem, Mary Barreto, Doca Furtado, Ismar Barreto, o Crupo Cataluzes, Rogério, Amorosa, Jorge Duccy, Dalila, Amorosa, entre outros.

Surge nessa década um festival estudantil da canção, o Novo Canto, promovido pela Fundação Estadual de Cultura na gestão de Amaral Cavalcante, criado por uma equipe composta de Jorge Lins, Antônio Amaral e José Américo, o Sucupira, que lança no seu primeiro ano em 1984 e nos anos seguintes das décadas de 80 e 90, nomes da nova safra da música de Aracaju Chico Queiroga, Antonio Rogério, Marcos Aurélio, Sena, Sergival, Antonio Passos, Nino Karvan, Cris Emmel, Doca Furtado, Pantera, Kleber Melo, Marcos Aurélio, Decio Nunes, Gena Ribeiro, Marilda Gois, Rubens Lisboa entre outros, que participaram dos vários Lp's gravados pela Instituição de cultura do Estado com os vencedores do referido Festival.

### Mudança de paradigma

O Grupo Entre Amigos, composto por amigos de infância cada um com diversas influências musicais montaram dois históricos shows: o Entre Amigos em 1981 e o Brasil Conversa de Fome de 1982. O grupo era formado por Irineu Fontes, Alex Pinheiro, Emanuel Dantas, Dalila, Denys Leão, Genival Nunes, Jairo Bala, Mauricio Botto, Marcus Passos e Paulo Bedeu e faz uma revolução na produção musical e artística da época. Pensando pela primeira vez em um trabalho de planejamento, contrata uma agência publicitária, a Helius Publicidade para criação de cartaz, releases, spot para rádio e VT para televisão. Busca em Salvador sonorização e iluminação profissional, diretor musical, diretor artístico e arranjador. A produção busca na iniciativa privada e consegue o apoio e patrocínio da Antártica, primeiro patrocínio da cervejaria em um evento artístico local através da empresa Raimundo Juliano, além da Nacional Gráfica entre outros pequenos empresários, uma mudança radical no conceito de show musical em Aracaju. Inspirados pelo novo momento vários artistas começam a produzir shows musicais com as mesmas preocupações, Joésia Ramos com o Show Cantarina, Mingo Santana com dois shows Lógica 81 e Navegando em 82; Lula Ribeiro com o Show Florescer, Marcos Passos e Hunald



Alencar, Irmão e Tonho Baixinho, Clara Angélica, Grupo Repente com o Jota Carvalho e o Roberio, Grupo Bolo de Feira, entre outros.

### Gravar é preciso

No início da década de 1980 começam a surgir as primeiras propostas de produções independentes no Brasil, resultado da grande crise econômica. O trabalho de Antônio Adolfo e as gravadoras Lira Paulistana e Som da Gente são os pioneiros desse movimento.

Em Aracaju, o grupo Cataluzes lança o LP “Viagem Cigana”, gravado no Rio de Janeiro, totalmente independente e logo em seguida, em 1985, três artistas montam um projeto independente, buscam apoio na iniciativa privada e conseguem sensibilizar o empresário Luciano Nascimento, da Cosil Dados, a investir a quantia de 40 milhões de cruzeiros. Gravaram e lançaram o disco Cajueiro dos Papagaios. São eles: Irineu Fontes, Lula Ribeiro e o Paulo Lobo com a produção executiva do José Américo Sucupira.

Outros artistas lançam discos, Mingo Santana e Oseas Lopes, Rogério,

Roberto Alves, Amorosa, Antonio Carlos du Aracaju entre outros.

Nos anos seguintes alguns artistas se destacaram em carreiras solos como: Roberto Alves, Rogério, Irineu Fontes agora assinando Neu Fontes, Jorge Duccy, Antônio Carlos Du Aracaju, Mingo Santana, Amorosa, Roberto Alves, Virginia Fontes, Luiza Lu, Paulo Lobo, Lula Ribeiro, Chico Queiroga, Nininho, Doca Furtado, banda Karne Krua, os Forrozeiros Luiz Paulo, Erivaldo de Carira, Batista do Acordeon, Clemilda e seu marido Gerson Filho, Josa o Vaqueiro do Sertão entre outros. É um final de década prodígia para a música na cidade, pois o Governador da época era o Sr. Antônio Carlos Valadares músico amador e um apaixonado pela música produzida em Aracaju foi um grande incentivador, colocando os artistas a participarem de todos os momentos de festas do governo estadual.

No final dos anos 80 e início da década de 1990 os artistas tiveram que se adaptar ao mercado, aí surgem os artistas voltados para a cultura popular, pesquisando e buscando um novo formato musical entre eles: Neu Fontes, Kleber Melo, Banda Sulanca, Luiz Fontinelis, Bando de Mulheres, Rubens Lisboa, Patrícia

Polayne, Pedrinho Mendonça e Gena Ribeiro, entre outros. Gena Ribeiro surge cantando em uma banda de pop rock chamada Exceção que era composta por Milton Goulart, Luciano Goulart, Wolney e Duda e logo se destaca como uma das maiores intérpretes da música Brasileira, ganha dois festivais o Novo Canto e o Canta Nordeste, esse último festival revela também uma grande intérprete e compositora a Patrícia Polayne.

Amorosa lança vários discos e se consolida como a maior intérprete da música sergipana, representando Sergipe em diversos festivais nacionais e internacionais.

Nessa década o Ismar Barreto volta de Brasília onde morou por vários anos e se transforma em um dos mais requisitados compositores da cidade, nomes como Amorosa, Guewdolin Thopson, Antônio Carlos e Jocafi, Zinho, Domingos entre outros grandes intérpretes da música Brasileira gravaram suas músicas.

O Pop Rock influenciado pelas bandas dos anos 80 traz diversos nomes para o nosso mercado musical da década de 90, Minho San Liver, Banda Java, Conexão 69 hoje Alapada, Cartel de Bali, Mosaico, Alex Santana, Henrique Teles. Paulo Lobo lança seu primeiro

CD Ruas de Ara, nessa década também o Rubens grava seu primeiro CD “Assim meu de lua”.

Um novo século começa e com força total aparecem novas ferramentas e todo aparato digital, facilidade as gravações. *Home Studios* e computadores ajudam a proliferar nas gravações e surgimentos de vários e novos artistas da música produzida em Aracaju que podemos falar mais tarde.

Várias bandas, grupos e artistas utilizam das novas ferramentas e lançam seus trabalhos como os grupos Maria Scombona, Naurêa, Sibéria, Alapada, Plástico Lunar, Lacertae, Snoze, Grupo Membrana, Lateiros Curupira, Jô Baba de Boi, Coutto Orquestra, The Baggios entre tantas outras e compositores e intérpretes como João Ventura, Patrícia Polayne, Alice Nou, Edson João, a Dupla Chiko Queiroga e Antônio Rogério consolida seus trabalhos e se lançam internacionalmente, a banda Calcinha Preta se transforma na maior banda de forró eletrônico do país, usando ferramentas de marketing e produção o Rubens lança mais dois CDs “Segundas Intenções e Todas as Tribos. Uma produção fértil que se estende até hoje. 

por Pedro Varoni

É uma tarde fria e chuvosa de outubro que ganha um sopro de alegria quando recebo, pelo correio, um pacote com o disco de Joubert Moraes. A lembrança que me vem à mente é de um outra surpresa na minha chegada à Aracaju em 2013: o livro *Aracajoubert*, organizado por Mário Brito, com fotos dos quadros, esculturas, cenários e textos sobre o artista sergipano.

A minha atração e curiosidade foram imediatas. Tendo terminado há pouco uma tese sobre Gilberto Gil e o Tropicalismo, havia o desejo de descobertas a partir das margens da pesquisa — algo a ver com o imaginário da contracultura tropicalista nas vizinhas praias baianas de Arembepe. Hoje, visto de certa distância temporal, desconfio que tinha aceito o convite para dirigir o jornalismo da Globo no estado, também a continuidade dessas buscas. Tudo isso estava presente nos textos de Amaral Cavalcante e Ilma Fontes, dentre outros, sobre uma cena sergipana de praia, desbunde e criação daquela geração inquieta que tinha na figura de Joubert o seu centro. O conhecimento tardio de sua arte fazia pensar na minha ignorância, cujo reverso é a vontade de aprender. A minha ida para Sergipe encontrava ali o seu sentido mais pleno.

Chegar numa terra desconhecida para viver e trabalhar é algo que provoca muitas sensações: o banzo, o otimismo, o medo e também o interesse por desvendar o novo território. Nas primeiras noites solitárias no quarto de hotel, o livro de Joubert indicava outros mundos para além do baticum do trio elétrico que animava, nos finais de semana, o trecho da Atalaia ali em frente.

A minha afeição pelo livro era tanto maior porque algo nele estava incompleto. Se as fotos dos quadros e esculturas permitiam vislumbrar a grandeza da arte de Joubert, as cenas dele ao violão, o relato de Gil sobre a composição de “Sará Miolo” na casa do artista sergipano — tema de uma conversa minha com o compositor baiano quando o visitei em Salvador — me enchiam de curiosidade. A música é sempre uma forma de encontro. E me lembrava dos versos de Caetano Veloso em sua “Aracaju”, ouvida no toca discos que embalava minha adolescência mineira. Aracaju era terra de cajueiro, papagaio e um atalho para o Brasil no Cinema Transcendental de Caetano.



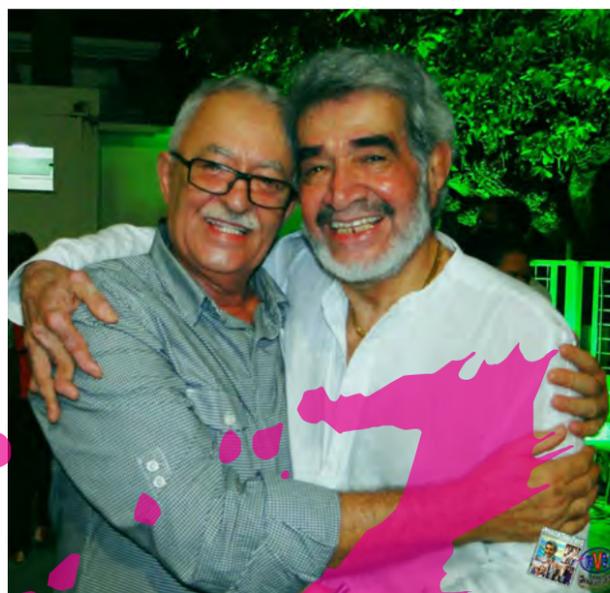


Demorou algum tempo até encontrar o atalho para a música de Joubert. Tateei pelas beiradas, precisei entender os caminhos do sertão ao litoral, saborear a moqueca de cação do João do Alho, conhecer a Estância em que Jorge Amado morou fugindo da perseguição aos comunistas no estado novo, me perder na confusão de aromas e cores do mercado. Mergulhava meu mundo interior nessas referências — que eram também uma espécie de nostalgia por meu próprio passado — enquanto ia me adaptando à nova cidade, com a sorte de não ser mais um turista. Com Amaral Cavalcante, poeta e jornalista da mesma cena e geração, aprendia um pouco do contexto em agradáveis conversas dividindo uma cerveja.

Lembro de alguns encontros com Joubert Moraes nos shows de grandes artistas no Teatro Tobias Barreto. Talvez fosse João Bosco, Ney Matogrosso ou Paulinho Mosca. Algum pudor ou timidez me impediam o contato, embora se estabelecesse ali o reconhecimento — a partir da vivacidade de seus olhos ou um breve aceno de quem comunga dos mesmos universos.

Uma dessas noites, ao acaso, estava com amigos no Café do Palácio do Museu Olímpio Campos, quase vazio, quando tive a oportunidade de, pela primeira vez, conversar com Joubert Moraes. A prosa correu fácil, com a alegria de quem comunga os mesmos interesses, e eles eram musicais.

Amaral Cavalcante e Joubert



Joubert

Falávamos das histórias de Caetano, Gil, João Gilberto, vivenciadas por ele na tranquila Aracaju de décadas anteriores. Recebi outro exemplar autografado do livro sobre sua obra e retribuí com o que escrevi sobre Gil, que ele diz ter gostado de ler. Ali também tive o prazer de conhecer Ilma Fontes, médica, escritora, atriz, mulher que vivenciou a revolução dos costumes na província.

Estava estabelecida a conexão. Nas quintas-feiras, dia em que Joubert cantava suas canções em meio a pérolas raras da Bossa Nova, dividia o palco com ele em algumas canções. “Não deixe de cantar e tocar”, costumava me dizer. Alguns finais de tarde caminhávamos na praia de Atalaia para um açaí e a observação do mundo, deixava-me guiar pelo seu olhar. Os assuntos sempre compartilhados pela lembrança de alguma canção: “Se a juventude, que essa brisa traz, ficasse aqui comigo mais um pouco...”

O CD de Joubert tem sido, desde aquela tarde chuvosa, meu companheiro nas viagens e nos caminhos cotidianos. A brisa de Atalaia me visita, assim como os ares de beira de rio da Propiá natal do artista. O reconhecimento de Joubert nas artes plásticas cria falsas divisões, fazendo crer que a música é um hobby diante da grandiosidade de suas pinturas e esculturas. Nada mais falso, Joubert é também um grande cancionista.





É do time dos inventores, não dos diluidores. As influências da Bossa Nova e do Tropicalismo se fazem presentes mas sempre a partir de uma dicção muito própria.

Para um artista maior como Joubert, o acaso pode até ser o propulsor da criação, mas há sempre um rigor que se dá a ver nos detalhes. A construção de um disco como “Cor Nua” resulta de um processo coletivo e anos de maturação do compositor e do intérprete. Os arranjos, a presença de músicos brilhantes como Dudu Prudente, Rodrygo Bestetti e Júlio Rego, dentre outros, dão corpo às canções criadas na intimidade por Joubert, muitas delas em parceria com Benê Fonteles. O CD traz, ainda, um segundo disco íntimo, com voz e violão de Joubert, outra escuta da beleza crua de sua obra.

A ordem das canções revela as vivências do artista. “Cor Nua” começa com “Murcho Amor”, parceria com Benê Fonteles. Uma canção sobre as origens, o centro a partir do qual o artista se abre à máquina do mundo: de Dakar a Salvador, de Nova Iorque a Paris. Joubert é um menino homem da beira do rio São Francisco. “Com três conchas beira mar/ Vou fazer meu bem procê/ eu vou fazer um colar pra te ofertar (. . .) Com três tipos de fulô/ de um jardim de Própria/ vou fazer meu bem procê/ Eu vou fazer um buquê pra te ofertar.”

Desse início — que é também um retorno — Joubert nos traz a contracultura tropicalista, o *Yellow Sunshine* e a abertura das portas da percepção — que jamais se fecham quando a oferenda é certa. Os voos coloridos. “Há tanta coisa no ar/ que eu já não posso mais decifrar”. Se deixarmos de lado as falsas divisões, pode-se ver o músico no pintor e também o contrário. “Baiana é aquela”, outra parceria com Benê Fonteles — das mais belas entre as belas canções — a voz do pintor se faz ouvir: “no mar a rosa azul aberta beija/e o horizonte quer que seja/ uma paisagem lunar”.

A arte de Joubert é uma expressão potente da sergipanidade, como afirmação de uma subjetividade que se faz na diferença. Nada de estereótipos ou de maneirismos que escondem a falta de personalidade artística, quando não preguiça intelectual. Das canções de “Cor Nua”, “Calunga Seca” tem a força de um devir indígena ancestral que se torna, para mim, a síntese de um tropicalismo sergipano de Joubert e seus pares. O fato de ser uma parceria de Joubert com o poeta Mário Jorge, poucos dias antes de sua morte prematura, reforça a aura de mistério da canção: “Mareja calunga seca, te vou Itacuruça, benzei minha oca, benzei, caminhe vou camará”. A melodia cresce solar, lembrando alguns momentos de Tom Jobim.

Joubert nos traz de volta a uma Atalaia traduzida por seu olhar de pintor/poeta, com seus surfistas de outono e motoqueiros de marte. A singularidade da cena cultural sergipana que gerou artistas como Joubert está, para mim, na forma como o estado se defendeu dos fluxos globalizantes e permaneceu mais próximo de antigos ritos e formas de viver que hoje se colocam como vanguarda numa sociedade do excesso e da virtualidade. A brisa de atalaia revela pra quem souber ler. Esse aprendizado Joubert me deu — “você é o que você viveu” — e está nas canções de finos matizes que o Brasil precisava ouvir. O cantor Joubert se apresenta e devemos celebrá-lo. “Descanse a cor dos peixes/ descasque a nau das ondas/ desloque a luz do lindo léu ao sol”. **C**



# POESIA

Assuero Cardoso

ASSUERO CARDOSO BARBOSA é natural de Lagarto - SE. Professor, poeta, escritor e ator, é um dos membros fundadores da Academia Lagartense de Letras e da Companhia de Teatro Cobras & Lagartos, membro do MAC da Academia Sergipana de Letras e ex-presidente da Filarmônica Lira Popular. Atualmente exerce a função de Coordenador da Biblioteca Pública da sua cidade natal. Publicou sete livros de poemas e um de contos e crônicas. Participou de várias antologias poéticas e de concursos literários em Sergipe e em outros estados do Brasil, sendo premiado em vários deles.

## ENDEREÇO

Eu, meu habitante,  
Residente a quilômetros de mim  
E não muito me encontro,  
Por hora me alugo.  
Saio sempre assim que posso  
Para me ver de perto  
Nas ruas despejado.

Do livro NU e NOTURNO

## TRILHA

Quando eu passar sem razões  
Trace-me em versos o poeta da janela  
Trucidado de tantos amores impossíveis  
E em suas métricas e desalinhos  
Faça-me o ritmo da sua vida sem graça.

Quando eu passar sem expressões  
Dê-me uma face o poeta fracassado  
Dos personagens mais sórdidos  
De uma poesia sem evidência  
Esquecida em rascunho mal elaborado.

Quando eu passar sem emoções  
E desaparecer na próxima curva  
Que eu depare com o poeta da estrada  
E ele, sem o esforço das metáforas,  
Me transforme numa chuva.

Mas quando eu passar sem intenções  
Entre o marasmo e as rimas  
Sem crença na ciência da poesia  
Que o leigo das palavras me ensine a ser  
O sábio que apenas passa, pela vida, todo dia.

Do livro NU e NOTURNO

## RUMO

O meu silêncio são dores passadas  
E é inevitável que essa chuva derrube  
A barreira que tento por sobre as mágoas  
Não desvia os rios, nem enche os açudes.

O curso da minha vida não destrói margens  
Meu barco tem no casco um invisível furo  
Pronto para crescer nessas viagens  
Meu rumo é para uma cascata no escuro.

Meu remo é de um braço quebrado  
Desprovido de mantê-lo em maiores cuidados  
E impedido de construir nova represa.

Meu rumo é o de uma folha morta  
Que é leve, solta e a ninguém importa  
Também nada sobre a correnteza.

Do livro TRIBO

### O MAR DE ZEFA

O mar não cabe nos sonhos de Zefa  
Zefa nunca viu o chão azul espumante  
Deslizando nos seus pés de pústulas e pedras.

Os sonhos de Zefa, assim feito o mar,  
Não cabem no oco da sua cuia  
Que lava o seu corpo de lama e de lodo.

O mar não invade a casa de Zefa  
Virou o sertão frio de uma profecia  
Na fé de um sonho que voa e se quebra.

O mar é pequeno no mundo de Zefa  
Ela o atravessa num salto e no susto  
Sobre o medo vazio de uma poça d'água.

Porque os sonhos de Zefa são ressequidos  
Como o mar bruto que vai e que vem  
Sem nunca tê-la visto ou engolido.

Do livro A SAGA DE ZEFA NINGUÉM

### PEQUENO DISCURSO DRUMMONDIANO

Com unhas sujas de tempo  
Eu cavo no raso vão  
A cova do seu suporte  
Você vem e cavará  
Meus sete palmos de morte.

Eu levo o peso do chão  
Da leve terra nos pés  
Rachados dos sóis no céu  
Suores não testa fria  
Que embebem o meu chapéu.

Meus cascos assim roídos  
Calos de muita pressa  
Carne morta sobre o nada  
Pedras duras no caminho  
De retinas tão fatigadas.

Eu travo a minha garganta  
Na sua voz que me emperra  
No discurso que me engana  
A urna que me promete  
É a mesma que me enterra.

Do livro A SAGA de ZEFA NINGUÉM

# Centenário

## Joel Silveira:

# Tempo de Contar

por Sayonara Viana



CENTENÁRIO  
918-2018  
**JOEL  
SILVEIRA**

A Universidade Tiradentes recebeu em agosto de 2018 o acervo do jornalista e escritor sergipano Joel Magno Ribeiro da Silveira (1918-2007) que uniu jornalismo e literatura, os leitores e a notícia. O acervo foi organizado em duas coleções: a bibliográfica e a museológica, perfazendo um total de seis mil objetos. Publicações de autoria consideradas raras, exemplares com anotações manuscritas importantes, edições de tiragem reduzida, exemplares numerados e assinados, obras especiais em parceria com grandes nomes da literatura brasileira, como Manuel Bandeira e Rubem Braga, uma coleção em parceria com Carlos Drummond de Andrade, fotografias, bilhetes, obras de arte e objetos pessoais do escritor. O acervo foi higienizado e catalogado pela equipe do Sistema de Bibliotecas do Grupo Tiradentes coordenado pela bibliotecária Maria Eveli Pieruzi de Barros Freire, adotando-se a conservação preventiva objetivando preservar, resguardar e difundir a memória coletiva no presente e projetá-la para o futuro para reforçar a sua identidade cultural. Após esse processo foi escolhido um local onde esse acervo pudesse ser exposto ao olhar do público com o intuito de proporcionar possibilidades de transformá-lo em objeto de estudo e em conhecimento.

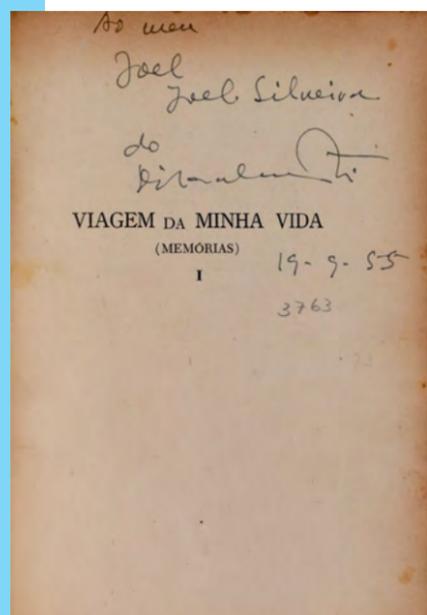
Em 15 de outubro de 2018 foi inaugurado o Espaço Joel Silveira, localizado na Biblioteca Jacinto Uchôa de Mendonça, Campus Farolândia, pensado desde a sua origem como “lugar de memória” com intenção memorialista. A solenidade oficializou a doação do acervo à Universidade Tiradentes com a presença da família do escritor, sua filha Elisabeth Silveira e seu neto Rodrigo Silveira Monte e do amigo, o jornalista Zevi Ghivelder. Na ocasião foi concedida a Medalha do Mérito Tiradentes aos homenageados.



Biblioteca Jacinto Uchôa de Mendonça  
Foto: Luiz Dinarte



Estante e livros que pertenceram a Joel Silveira  
Foto: Luiz Dinarte



Livro de Di Cavalcanti com dedicatória  
Foto: Luiz Dinarte

Na mesma data foi inaugurada a exposição “Centenário Joel Silveira: Tempo de Contar”, que celebra o centenário do seu nascimento e revela a trajetória do jornalista e escritor, o mundo do jornalismo brasileiro e as conexões jornalísticas vivenciadas na sua época. Com as memórias e as linhas de Joel Silveira, revela-se uma época de efervescência cultural e política.

Para a exposição foi construída uma narrativa que foi inspirada no livro “Tempo de Contar”. O roteiro expositivo tem início no térreo da biblioteca e continua nos outros dois pavimentos através da Linha do tempo da sua trajetória, frases dos jornalistas Zevi Ghivelder, Amaral Cavalcante, Juliana Almeida e Rian Santos e recortes de imagens que traçam o caminho percorrido pelo jornalista. No primeiro andar, o visitante tem acesso ao Espaço Joel Silveira que apresenta o acervo através de um roteiro que foi dividido em três núcleos: no primeiro núcleo, “Joel e o tempo”, a vida pessoal e os amigos desde sua atuação no Dom Casmurro (o semanário carioca de Brício de Abreu) até suas contribuições em outros periódicos; no segundo núcleo “Joel Silveira: testemunha da História”, acervo iconográfico do escritor como correspondente da 2ª Guerra Mundial dos Diários Associados e como repórter especial da revista Manchete enviado à vários países; No terceiro núcleo “Entre linhas e memórias” apresenta-se ao público o acervo documental, composto por manuscritos de vários escritores, políticos e artistas plásticos que possuíam conexão com Joel Silveira. No espaço pode-se ainda conferir seus diplomas, medalhas e prêmios que reafirmam sua importância e o seu legado. Recebeu os prêmios Líbero Badaró, Esso Especial, Jabuti, Golfinho de Ouro e Machado de Assis, o mais importante da Academia Brasileira de Letras, em 1998, pelo conjunto de sua obra.

Jornalistas e colaboradores do Dom Casmurro

**Da esquerda para direita:** Joel Silveira, Dante Costa, Mário Martins, Marly Peixoto, Joracy Camargo, Ione Stamato, Brício de Abreu e Sívio Peixoto

**Agachados:** Jorge Amado, Danilo Bastos e Franklin de Oliveira



Joel como correspondente na 2ª Guerra

Depois de percorrer esse roteiro pode-se, entre uma estante e outra de livros, chegar a estante principal que pertenceu a Joel Silveira, nela estão as obras de sua autoria (em sua maioria, os exemplares de 1ª edição) que pertenceram a sua biblioteca e os autores e obras que influenciaram a sua forma de escrever. São exemplares únicos, com dedicatórias de nomes da literatura nacional, livros com raros desenhos (Viagem da minha vida de Di Cavalcanti, foram impressos apenas 21 exemplares em 1955 e foram expostos à venda), bilhetes e recortes de jornal que remetem ao contexto da publicação de cada obra. Esses livros contam um pouco a história das relações pessoais, intelectuais e literárias do escritor, desde o início da sua carreira até o fim da vida, em 2007. É uma coleção absolutamente única e são consideradas obras raras permitindo recompor muita coisa da história da produção, da publicação, da edição e da circulação dos textos do precursor do jornalismo literário no Brasil.

O acervo bibliográfico, documental e iconográfico de Joel Silveira está disponível ao público, de modo geral, estudantes e pesquisadores que podem ter acesso à coleção e compreender o universo cultural ao qual pertenceu o jornalista/escritor.

Visitar o Espaço Joel Silveira é conhecer a narrativa de vida de um sergipano a partir daquilo que o encantou: as letras e aproximando-se da sua escrita compreende-se a sua projeção e seus amigos no ambiente cultural brasileiro.



Linha do tempo da exposição



Lançamento do livro Memórias com a presença do arquiteto Oscar Niemeyer

## Joel Silveira: uma nota

Joel Magno Ribeiro da Silveira nasceu em 23 de setembro de 1918. Filho do comerciante Ismael Silveira e de Jovita Ribeiro Silveira. Estudou nos colégios Tobias Barreto e Atheneu Pedro II. Começou a trilhar pelo universo da imprensa muito cedo e aos 16 anos foi diretor do impresso estudantil “A Voz do Atheneu”, primeira versão do jornal do Grêmio Literário Clodomir Silva, em Aracaju. Atuou também no jornal “A Voz Operária” e no “Sergipe Jornal”.

Em 1936, publicou a novela “Desespero” e ganhou o prêmio literário “Clodomir Silva”.

Em 13 de fevereiro de 1937, embarcou no navio Itanajé para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade de Direito. Começou a trabalhar como datilógrafo na redação da Revista Ferrovia e publicou a novela Desespero, na revista “Vamos Ler”. Aos 21 anos escreveu “Onda raivosa”, coletânea de contos publicada em 1939. De 1940 a 1944 trabalhou na Revista Diretrizes. Em 1943, publica na citada revista a reportagem “Grã finos em São Paulo”. Assis Chateaubriand ao ler a matéria declarou: “Quem escreveu isto não é um repórter, é uma víbora!”. A partir daí, passa a ser conhecido no meio jornalístico como “a víbora”.

Em 1944, publicou o livro ‘Os homens não falam de mais’, em coautoria com Francisco de Assis Barbosa. No mesmo ano em que foi trabalhar nos Diários Associados foi designado por Assis Chateaubriand para cobrir as ações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O jornalista chegou à Europa no terrível inverno de 1944, e durante nove meses acompanhou a luta dos brasileiros até a rendição alemã. Descreveu momentos cruciais do combate com um texto ao mesmo tempo lírico e informativo: “Confesso que não foi exatamente por delicadeza que naqueles nove meses perdi uma parte da minha mocidade, ou o que restava dela” (SILVEIRA, Joel).

Por quase vinte anos, de 1946 até o fechamento do jornal, foi repórter e colunista do Diário de Notícias. Atuou no vespertino Última Hora, fundado por Samuel Wainer em 1951, nos jornais O Estado de São Paulo, Correio da Manhã, Diário Carioca, O Paiz e O Comício. Nas revistas, O Cruzeiro, Carioca, Manchete e na Revista da Semana. Destaca-se a sua atuação na Revista Manchete durante vinte anos em que foi repórter enviado especial ao exterior.

De 1954 a 1964 dirigiu o serviço de documentação do Ministério do Trabalho.

Com Adonias Filho e Antônio Houaiss, tornou-se membro do conselho de redação da Revista Nacional, publicada sob a forma de encarte e incluída na edição de domingo de diversos jornais do país. Foi ainda redator-chefe da revista O Mundo Ilustrado.

Sempre foi atuante na área da cultura e entre 1987 e 1988 foi nomeado Secretário de Estado da Cultura em Aracaju. Durante o período vivido na cidade seu melhor amigo era o então Arcebispo da cidade, Dom Luciano José Cabral Duarte (1925-2018). Como se sabe o jornalista era agnóstico e é dele o depoimento: “Cultíssimo, uma prosa maravilhosa, ele era a pessoa com quem eu conversava. Nem eu falava de mulher, nem ele falava de Deus, e a gente se entendia a mil maravilhas” (entrevista concedida ao jornalista Geneton Moraes no documentário “Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças”, 2013).

Atuou também como coordenador nacional de política cultural e como representante do Ministério da Cultura no Rio de Janeiro.

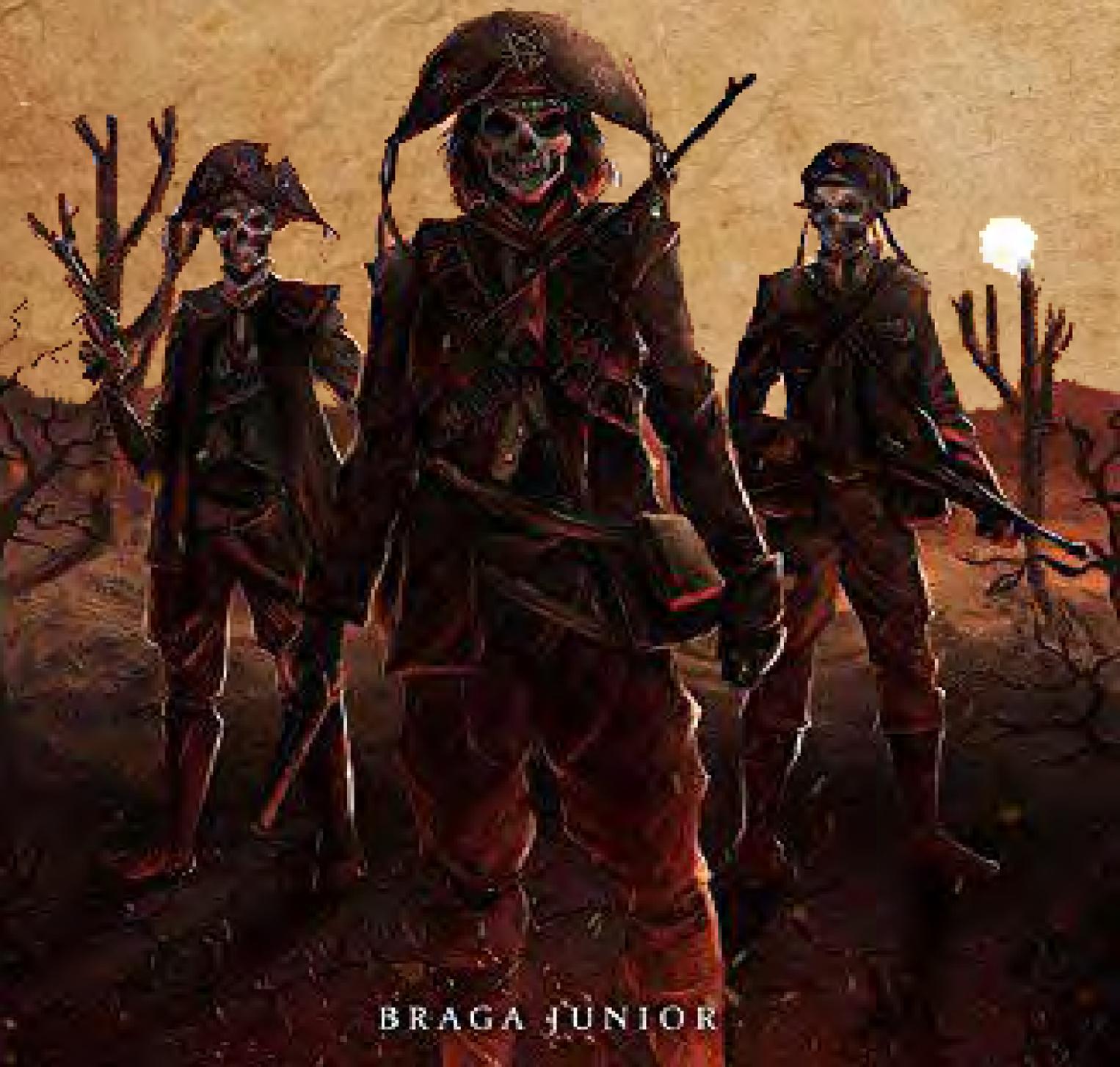
Precursor do jornalismo literário, Joel Silveira marcou a imprensa com uma série de obras de caráter memorialístico. Conviveu com o mundo da cultura do Rio de Janeiro escritores, jornalistas e artistas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Dorival Caymmi, Di Cavalcanti, Geneton Moraes, Zevi Ghivelder, Joracy Camargo e Rubem Braga. Famoso pela sua mordacidade na sua construção narrativa destacou-se em seu ofício literário e jornalístico com suas histórias e memórias. 

A  
poema  
Euripedes  
donca.

A velha casa a margem do lago  
parece uma doce visão a mirar-se num espelho  
vendo roçar em seus pés de cantaria  
o beijo singelo do bater das águas...

A VÓZ do Atheneu

# TRINDADE SERTÃO



BRAGA JÚNIOR

Livro transporta o sertão e o cangaço para o universo da literatura de fantasia



Thiago Barbosa

**C**abrunco, Pé na Cova e Terra Seca aterrorizam o sertão sergipano. Os três lendários cangaceiros comandaram um bando de mais de cinquenta matadores, que espalham atrocidades pela região: esquarterjam, lavam de sangue o solo seco e desafiam o poder das forças volantes.

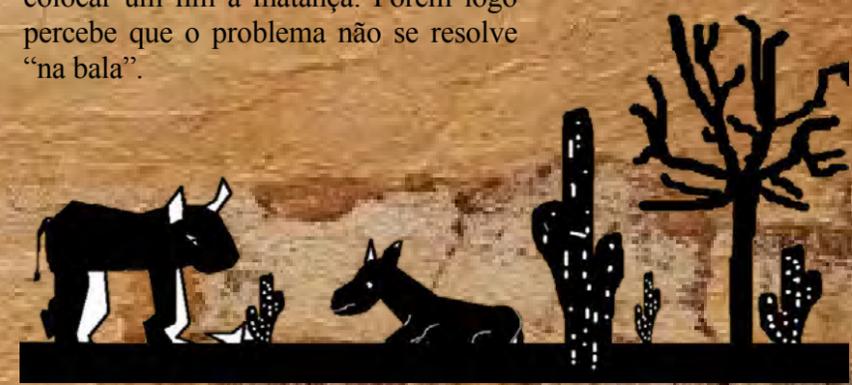
Sem entrar no mérito do papel social do cangaço e dos mitos e verdades sobre as ações praticadas pelo movimento, dá para se dizer que o enredo se assemelha às histórias já conhecidas sobre o tema. Contudo, um outro fator torna o livro “Trindade do Sertão” inovador: é a proposta de produzir uma literatura de fantasia à brasileira. O capixaba Braga Júnior ambientou, não por acaso, a obra em Canindé de São Francisco-SE, local em que o bando de Lampião foi emboscado e morto em 1938.

A história é uma fantasia sombria (*Dark Fantasy*) em que cangaceiros ganham poderes sobrenaturais, se transformam em monstros descomunais e provocam pânico entre os sertanejos. “Os três cangaceiros são representados por três forças do mal: a loucura, a violência e o caos. Pé

na Cova é a personificação da insanidade, mata e tortura sem qualquer pudor e se diverte com isso. Terra Seca detesta autoridades e coronéis, seus atos são extremamente brutais e não se importa em matar os entes queridos de seus inimigos, sejam idosos, mulheres ou crianças. Cabrunco é o líder dos cangaceiros, é o arauto do caos, não está no sertão para combater as injustiças sociais, a pobreza e os coronéis. Ele só tem um objetivo: acabar e destruir tudo que está em seu caminho”, explica Braga Júnior, autor do livro.

“Apesar do escuro, era possível ver suas bocas crescendo, seus dentes afiados, seus olhos amarelados e suas unhas virando garras.” (p.37)

Os crimes bárbaros do bando reverberam em outras regiões. Até que um oficial das Forças Armadas, o tenente Marcus Alves, é escalado para caçar o bando e colocar um fim à matança. Porém logo percebe que o problema não se resolve “na bala”.





A iniciativa de unir fantasia com elementos culturais do Brasil não é exatamente inédita, mas na prosa é bem pouco frequente, e gradativamente vai ganhando corpo, sobretudo em pequenas editoras ou em produções independentes. O gênero é um dos mais consumidos entre os leitores brasileiros. Porém, as referências são histórias passadas em terras desconhecidas, eras distantes, reunindo como personagens reis, magos, hobbits, elfos, orcs, bruxos e feiticeiros. “O grande objetivo da obra é mostrar para o leitor de fantasia, considerado um dos públicos mais exigentes, que podemos criar bons contos utilizando importantes passagens da história do Brasil, aliada à cultura e folclore variado do nosso povo. Não consigo imaginar uma obra de fan-

tasia mais brasileira do que ‘Trindade do Sertão’: cangaceiros, folclore, período histórico importante e personagens de várias partes do país. O sertão chegou na Fantasia para ficar”, com-



plementou o escritor.

#### O cordel e o gênero fantasia

Se os elementos da cultura popular brasileira foram pouco explorados em prosa no gênero fantasia, em versos o fenômeno é abundante. O cordel é pródigo em criar reinos no sertão, levar cangaceiros para o inferno e até para o espaço, montado em um jumento, como no título “O cangaceiro do futuro e o jumento espacial”, de Klévisson Viana. Na verdade, os autores clássicos do cordel, muitas vezes, beberam da mesma fonte de escritores que criaram best-sellers do gênero, como J. R. R. Tolkien (O Hobbit e Senhor dos Anéis) e JK Rowling (Harry Potter). “No fundo, as referências que alimentaram os autores de Harry Potter e O Senhor dos Anéis são muito próximas das referências dos autores de nosso cordel, pelo menos daqueles cultores do gênero romance, ou seja, do cordel narrativo. Os duelos mágicos do Harry Potter, por exemplo, se baseiam num conto-tipo chamado O aprendiz de feiticeiro. Pelo menos três folhetos de cordel recontam essa história.

# GORDEL



O primeiro, Vitória de S. Cipriano sobre Adrião, o Mágico, de Joaquim Batista de Senna, foi editado pela Casa dos Horóscopos, de Juazeiro (CE). O segundo, O feiticeiro do reino do Monte Branco, de Minelvino Francisco Silva, publicado pela editora Prelúdio, de São Paulo, apresenta um enredo mais próximo das versões tradicionais. Recentemente, a Tupynanquim Editora, de Fortaleza, lançou “Duelo de bruxos ou o pombo e o gavião”, de Autoria do lendário Bule-Bule. O motivo da disputa final foi reaproveitado no desenho animado em longa-metragem dos Estúdios Disney “A espada era a lei” (EUA, 1964, de Wolfgang Reitherman), no duelo mágico entre o Mago Merlin e a Madame Min”, explicou o cordelista e pesquisador do folclore brasileiro, Marco Haurélio.

O gênero fantasia sempre mexeu com o imaginário popular, justamente por isso serviu de inspiração para poetas de várias gerações comporem verdadeiras obras-primas na literatura de cordel, muitas vezes misturando elementos do folclore brasileiro com a cultura de outros povos. Começou com Leandro Gomes de Barros em Juvenal e o Dragão, com o motivo arquetípico do vencedor de dragões, que deriva do mito Perseu. Há muitos outros exemplos, como João Terrível e o Dragão Vermelho, de Antônio Alves da Silva e João Acaba-Mundo e a Serpente Negra, e mais recentemente foram publicados Donnar, o matador de dragões, de Rouxinol do Rinaré e o próprio Marco Haurélio escreveu O Cavaleiro de Prata, os dois tí-

tulos com elementos das mitologias nórdica e germânica.

Braga Júnior se encantou com o universo do cordel há alguns anos, e acabou se alimentando dessa referência cultural para criar, de forma mais fidedigna, sua fantasia que se passa em pleno sertão.

“Mesmo não usando dessa fonte maravilhosa de escrita, que é a poesia popular, faz parte do meu aprendizado para desenvolver mais histórias baseadas nesse universo que mistura o cangaço com a fantasia sombria, como foi em ‘Trindade do Sertão’. A cada item que leio, encanto-me mais, pois num mesmo livro você pode viajar na fantasia, na rima, no humor, no folclore, na ficção, nas citações a Lampião, na adoração a São Francisco e a ‘Padim Ciço’. Além de apreciar as xilogravuras. Como não desfrutar de tanta riqueza cultural?”



# PASCOAL CARLOS MAGNO, JOÃO COSTA E LUIZ ANTONIO BARRETO

*João Augusto Gama*

**P**ascoal Carlos Magno foi o maior agente cultural do Brasil no século XX. Embaixador, escritor, culto, no governo de Juscelino Kubitschek foi encarregado de dinamizar a cultura brasileira, descobrindo novos talentos. É o período de ouro do teatro brasileiro quando surgem Paulo Autran, Maria Della Costa, Tônia Carreiro, o italiano Adolfo Celi, depois famoso internacionalmente na franquia James Bond. Na música temos o aparecimento da “bossa nova” de João Gilberto. No cinema, “O Pagador de Promessa”, de Anselmo Duarte e o Cinema Novo de Glauber Rocha. O movimento editorial era intenso, a editora Civilização Brasileira de Ênio Silveira liderando. Jean Paul Sartre circulava no Brasil e no Nordeste. O Brasil tinha pressa. Era preciso estudar, debater. O método

Paulo Freire de alfabetização estava sendo

implantado em Sergipe, pelo governo Seixas Dória, através da sua Secretaria de Educação e Cul-

tura que tinha como titular o Prof. Rabelo Leite. Na revista “Senhor”, Paulo Francis dava um ar cosmopolita ao país.

Brasília fora inaugurada em abril de 1960. No governo de João Goulart, Pascoal foi nomeado secretário do “Conselho Nacional de Cultura”, criando, logo em seguida, a “Caravana da Cultura”.

A ideia de Pascoal era levar o ambiente cultural e artístico do Rio de Janeiro e São Paulo para o resto do país. A Caravana da Cultura percorreu diversos estados brasileiros. Esteve no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Sergipe e Alagoas. Eram 256 artistas, artesãos, escritores fazendo teatro, dança, música e oficinas. Havia muito debate. Nas cidades onde a Caravana parava era uma festa. Em Aracaju, a Caravana ficou uma semana na Praça Fausto Cardoso. O ano era 1963 e o governo Seixas Dória.

Em Sergipe, a UEES, União Estadual dos Estudantes de Sergipe, sob a presidência de Alexandre Diniz, criou o CPC, “Centro Popular de Cultura”, que encenou peças, esquetes e poesias por todo o estado. A última peça foi a “Derradeira Ceia” de Luiz Marinho, dirigida por Wilson Maux, paraibano de Campina Grande, inicialmente trazido para Sergipe por



Aglaé Fontes e Alencar Filho. Entre os atores estavam João Augusto Gama fazendo Lampião, Zelita Correia fazendo Maria Bonita e Chico Varela o Turco.

Inquieto e apaixonado por teatro, Pascoal Carlos Magno criou o “Festival Nacional do Teatro Amador”, na década de 1960 e, simultaneamente, criou o “Festival Regional do Teatro Amador”. O Festival Nacional acontecia nos anos pares e os Regionais nos anos ímpares. Os ganhadores dos regionais disputavam no Rio de Janeiro o Nacional, sempre no mês de janeiro. Houve seis edições do Nacional. A última, em 1968. O regime militar acabou com os festivais.

Com o golpe militar de 1964, a UNE (União Nacional dos Estudantes), as UEEs (Unões Estaduais dos Estudantes e os CPCs (Centros Populares de Cultura) foram fechados e colocados na ilegalidade.

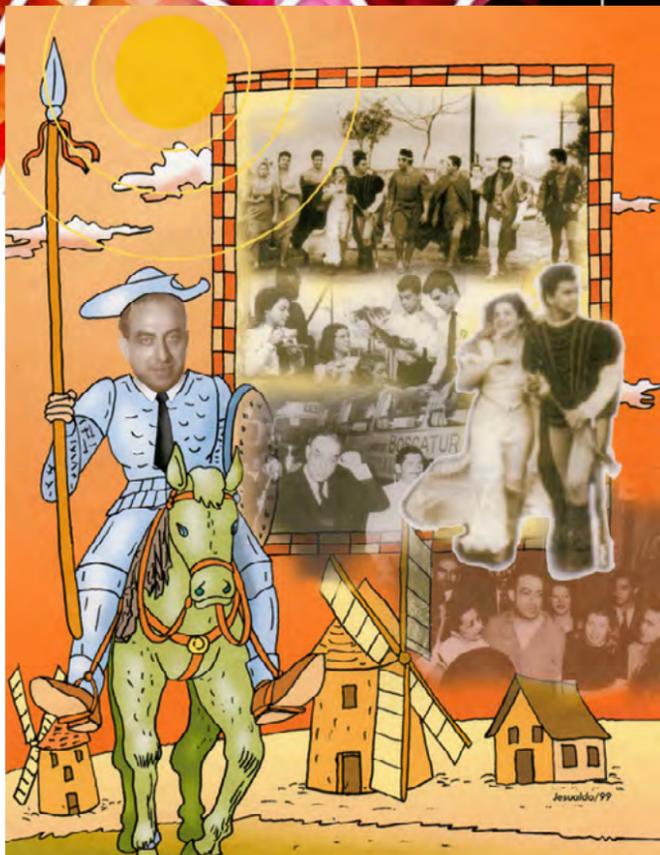
João Costa era apaixonado por teatro. Culto e estudioso, sem vínculos partidários, era o presidente da SCAS (Sociedade de Cultura Artística de Sergipe) sucedendo a José Carlos Teixeira eleito deputado federal em 1962. João Costa montara diversas peças de teatro com sucesso, inclusive “Chuva” de Somerset

Maugham.

Com o fim do “Centro Popular de Cultura de Sergipe”, Chico Varela e eu migramos para o TECA (Teatro da Cultura Artística) do professor João Costa. João Costa tinha algumas peças excelentes. Duas chamaram a minha atenção e a de Chico Varela: “Três do dez de mil novecentos e tanto” e “Recital sem Opus”. Descartamos a primeira: ótimo texto, o cenário era uma seção eleitoral, mas uma crítica ácida ao processo eleitoral. Válida em condições normais da vida brasileira, mas poderia parecer uma concordância com o regime militar que não fazia eleições. Quando fazia eram cartas marcadas, ou eleições indiretas para presidente e governador. Os prefeitos das capitais eram nomeados. Mas isso já é outra história.

Trabalhamos intensamente na montagem de “Recital sem Opus”. Luiz Antonio Barreto foi o encarregado da música.





4.

Depois de resolvidas pendências e dúvidas fomos para João Pessoa, em julho de 1967, disputar o “Festival de Teatro do Nordeste”, onde, de última hora, fizemos o ensaio geral.

Chegamos em João Pessoa de ônibus vindos do Recife. Nas bagagens, a peça RECITAL SEM OPUS, de autoria de João Costa e música de Luiz Antonio Barreto. Éramos o “Teatro de Cultura Artística de Sergipe”, dirigido por João Costa com a



5.

participação de Orlando Vieira, Antônio Joaquim Filho, Chico Varela, João Augusto Gama e Luiz Antonio Barreto e os músicos Edgar Silveira, Paulo Amilcar e Sergio Boto.

A apresentação do grupo sergipano no “Teatro Santa Rosa” foi um acontecimento. Surpreendeu a todos os participantes, incluindo os Grupos favoritos: a Paraíba, com uma peça regional de Pimentel e de Pernambuco, com a peça “As três irmãs”, de Checov.

Consagrada pelo público e pela comissão julgadora, RECITAL SEM OPUS arrebatou os prêmios de melhor peça, melhor direção e melhor ator para Orlando Vieira.

No dia seguinte ao da premiação, João Costa foi intimado a comparecer ao Comando Militar do Exército, na Paraíba, para explicar o texto aos militares. Prestou depoimento pela manhã, sendo liberado no final da tarde.

RECITAL SEM OPUS é um marco na história do teatro em Sergipe. Uma seleção de textos nacionais e estrangeiros, falando em democracia e liberdade, escolhidos pelo talento de João Costa. Sobresaiía-se a música da autoria de Luiz Anto-

nio Barreto. A música valorizava o texto e fazia de sua própria letra um espetáculo em si. Belíssima música para uma peça grandiosa. Oportuna, enriquecia a obra. A música de Luiz Antônio Barreto e o texto de João Costa se completam.

RECITAL SEM OPUS subiu ao palco diversas vezes. Havia muitas solicitações para sua apresentação. Além das inúmeras apresentações em Aracaju, subiu ao palco em Estância, Itabaiana, Propriá, Lagarto e Itaporanga d’Ajuda. Sempre com casa cheia. Sucesso absoluto. Nunca uma peça sergipana tivera tanto público, fora tão aplaudida.

Em janeiro de 1968 fomos ao Rio de Janeiro para o Festival Nacional. No último momento, temendo uma reação do regime militar, o embaixador Pascoal Carlos Magno modificou as regras do festival. RECITAL SEM OPUS, já escolhida a melhor peça, perde a premiação. Não há mais primeiro lugar. A comissão julgadora resolve premiar as dez melhores peças, incluindo aí RECITAL SEM OPUS.

Não adiantou o embaixador contemporizar com a repressão: 1968 marcou o fim dos festivais de teatro no Brasil. Após a Festival do Rio de Janeiro, RECITAL SEM OPUS não foi mais encenada. Em 2009 fizemos uma leitura de peça na TV Aperipê, no programa de Pascoal Maynard e outra em 2011 no Instituto Dom Luciano Duarte, em memória de João Costa. 



6.



7.

#### LEGENDAS FOTOS

1. Luiz Antonio Barreto fez a música de “Recital Sem Opus”
2. Sergio Cardoso, Pascoal Carlos Magno e Procópio Ferreira
3. Joaquim Filho e Chico Varela em leitura do Recital
4. Cartaz de peça da Caravana da Cultura
5. Com o ex.prefeito de Aracaju João Augusto Gama; o historiador Luiz Antônio Barreto; o ex.Governador, João Alves Filho
6. Leitura do Salmo 127 no casamento de amigos
7. Família

# JOÃO GOMES VIEIRA DE MELO: (1809-1890)

## O Barão de Maruim e seu Lugar

Carlos Pinna de Assis

Da Academia Sergipana de Letras e da Academia Maruinense de Letras e Artes

Em duzentos e vinte anos as paisagens e o clima terão mudado muito pouco, se abstrairmos a intervenção humana na geografia, cuja configuração original, porém, só pode ser imaginada.

O cenário da epopeia sergipana quando de seu maior desenvolvimento econômico em todos os tempos, realça na formidável expansão demográfica nos poucos mais de trinta anos vividos entre 1775 e 1808.

Naquele ano a sucessão

de tragédias acontecidas desde 1755 na capital do Reino de Portugal, cujo paroxismo foi o terremoto de Lisboa; o fato político da expulsão dos jesuítas do Brasil em 1767; a devassa em Minas Gerais, tendo como pano de fundo a agitação revolucionária na França em 1789 e o movimento de independência americano do Norte em 1776; deram na consequência econômica do empobrecimento da Colônia que impôs a cobrança de contribuição vultosa e recrutamento militar compulsório pelo Governo colonial na Capitania de Sergipe.

Em 1808, todavia, a fuga da Corte Portuguesa da invasão napoleônica e o estabelecimento da estrutura governamental de Portugal na Colônia, agora elevada a reino unido, deflagraram novo ânimo nos sergipanos, como que despertados da letargia bicentenária e da carência de instrumentos de produção e até de mão-de-obra.

O censo de 1775, que incluía as vilas de Abadia e de Nossa Senhora do Monte de Itapicurú da Praia, indicava que Sergipe



Entrava Sergipe desta forma no Século XIX, século em que se afirmariam as condições da sua vida, em que o franco envolver de suas vilas e povoações assegurariam seu progresso e sua ventura

(Clodomir Silva, Álbum de Sergipe, pg. 43)



tinha 21.190 habitantes (SILVA, Clodomir; Álbum de Sergipe, pg.42). Em 1808 a população mais que triplicara (idem, ibidem, pg 43) e a capitania que já fora podada das vilas de Abadia e Itapicurú, ostentava 72.236 habitantes.

Desse enorme crescimento populacional o caso mais relevante foi o da Vila de Santo Amaro das Brotas, na Região do Rio Cotinguiba, que saltara dos 1.013 habitantes de 1775 para os 8.128 contados em 1808.

O Barão de Maruim nasceu, portanto, no lugar de maior progresso e na época de mais intenso enriquecimento dos senhores da terra que ampliavam o plantio da cana e modernizavam a produção do açúcar que passou a ser o produto mais valorizado da pauta da indústria sergipana.

Essa sintonia de espaço e tempo históricos foi determinante para a formação pessoal do maior sergipano do Século XIX, cujas ações e empreendimentos definiram a própria feição de Sergipe na mudança veloz que se operou em pouco mais de cem anos, transformando o povo de vivência marcadamente agro-pastoril

em cidadãos do mundo moderno no qual as atividades secundárias e terciárias passavam a ter tanta importância quanto a economia primária.

Nas terras milenarmente ocupadas pelos tupinambás, entre os rios Cotinguiba e Sergipe, ao Sul; tendo, ao Norte o rio Japarutuba, vivia o Cacique Sirirí, senhor também da Aldeia de Maruim referida por Aires do Casal. Esses índios deixaram sua marca nos olhos esgazeados dos maruinenses, que preservaram essas características da tez morena e dos cabelos escorridos que se repetem por sucessivas gerações e distinguem o povo daquela região dos demais das redondezas onde o branco europeu – mais ao norte e para o sertão – e o negro e o mulato da civilização do massapê, diferem dos mesopotâmicos ocupantes daquele emaranhado de rios, riachos, lamaçais e brejos que propiciam a sobrevivência e dificultam a movimentação com uma população que se empoleirou nos altos, mas colhe nos vales e nos apicuns a proteína dos mariscos e os carboidratos da mandioca que compõem a riquíssima dieta dos viventes.

Exemplo dessa fartura e prestimosida-



Google Earth

de é o rio Ganhamoroba, curtíssimo no seu trajeto entre a nascente ao norte de Divina Pastora e o lançar-se no Rio Sergipe, depois de Maruim, na barra que lhe deu o nome. Navegado por dezenas de saveiros e canoões, carregados no Porto das Redes, ou quando da maré alta, no Porto do Grajaú, em demanda de Aracaju e do Mundo.

Eis, portanto, a paisagem que inclui as matas frageozas da infância do Barão de Maruim que é a imagem que o acompanhará no Rio de Janeiro, onde chega, logo na metade do século: primeiro como deputado geral e, logo após, senador do Império.

Descendente de antigos troncos de pioneiros da conquista de Sergipe, João Gomes Vieira de Melo era o primogênito de um típico casal de senhores de terras herdadas e adquiridas para a lavoura da cana e produção de açúcar.

Por direito de primogenitura e gosto com a lavoura e a indústria, muito cedo João Gomes Vieira de Melo dedicou-se à atividade empresarial que manteve durante toda a vida, ampliando-a e modernizando-a exemplarmente.

Já a caminho da meia idade, casou-

se com a rica viúva Maria José de Faro Leitão, cujas propriedades, todavia, preservou e fez prosperar nos dez anos de duração do casamento que findou com a morte da esposa em 1859. Como não tivera filhos com o Barão, a Baronesa Maria José Vieira de Melo deixou todo o seu patrimônio para os seus três filhos – um rapaz e duas moças – a cujos parentes coube então a orientação nos negócios.

Aos quarent’anos o Barão de Maruim já era senhor de três engenhos, o menor dos quais, o Unha de Gato, merecia sua especial atenção. A simplicidade da casa grande, a disponibilidade de terras virgens e o posicionamento geográfico do engenho eram razões significativas para o espírito simples e operoso do proprietário que dali comandava ações exemplares na agro-indústria que dominava com maestria e na política na qual acabara de ingressar.

Poucos eram os sergipanos que àquele tempo conheciam com tanta precisão as características de Sergipe, ou que tivessem visitado com tal atenção todos os recantos da Província.

Entre os rios São Francisco e Real, e até a boca do sertão vindo das praias, o Barão de Maruim palmilhara o território,



<sup>1</sup>EMMANUEL FRANCO, in "O Clã do Engenho Porteiras", Revista da Academia Sergipana de Letras, nº 32, pgs. 293/328.



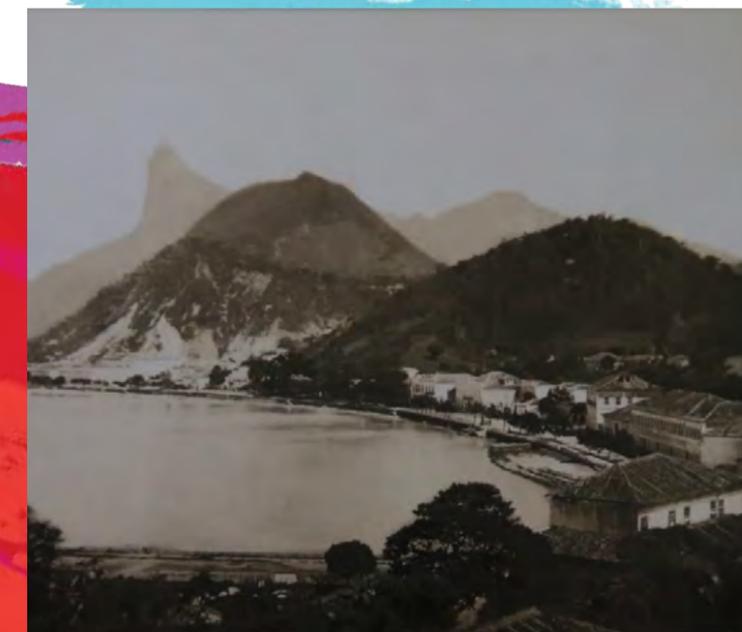
Porto de Aracaju, do Álbum da Província de Sergipe

percorrendo dos limites do norte na então recente Província das Alagoas até as terras da já velha Bahia, guardando em lembranças muito vivas as peculiaridades de cada região e até de cada vila visitada.

Foi assim que no início da década de cinquenta do Século XIX o Barão de Maruim convenceu-se da necessidade de dotar Sergipe de um porto mais adequado à exportação da produção da lavoura do que os até então existentes. Porto de exportação demanda uma estrutura logística e burocrática de que se não dispõe senão em situação urbanística específica.

E, assim, Sergipe saiu à frente de todos os que em semelhantes circunstâncias tiveram que enfrentar o mesmo problema. Para comparar apenas com as províncias do Nordeste do Brasil, excluindo Salvador e Recife que têm portos de mar naturais, é de se ver que as capitais andaram em direção aos portos, como em Aracaju, ou ficaram a pouca distância deles.

A visão estratégica do Barão de Maruim não cedeu nem mesmo aos interesses patrimoniais dos correligionários e



G. LEUZINGER  
Enseada de Botafogo, vendo-se, à direita, o casarão que pertenceu a Carlota Joaquina  
*The Botafogo Inlet; on the right, the mansion which belonged to Carlota Joaquina, c. 1865*

Rio de Janeiro, 1860

parentes. Ele próprio, aliás, deu exemplo e somente adquiriu terras em Aracaju quando a nova capital já estava implantada. Mais ainda, doou parte significativa dos terrenos que adquirira para a implantação do próprio porto, de logradouros e de repartições públicas.

Os registros fotográficos de 1870 são uma eloquente demonstração do acerto da mudança da capital, vistos a quantidade de navios e o movimento do cais quando ainda não era corriqueira a navegação a vapor. Em contraste com essa constatação, pode-se ver a praia ribeirinha da Barra dos Coqueiros, em frente ao Porto de Aracaju, na mesma época, com a natu-



Paris, Arc de Triomphe

reza quase que em estado natural.

Com a capital da Província já consolidada, inclusive e sobretudo a partir da visita do Imperador a Sergipe, o Barão de Maruim passou a demorar-se mais na Corte.

Entre os anos de 1864 e 1889, o Barão de Maruim, já então casado com a Baronesa Valentina Soares de Souza Vieira de Melo, empreendeu três viagens a Europa demorando-se em cada uma delas cerca de quatro meses e dedicando mais tempo às estadias na França, onde sua sogra nascera e sua esposa mantinha relações com parentes e famílias amigas que recepcionavam o casal com especial atenção.

No Brasil, os Barões de Maruim vera-

neavam em Petrópolis. Essas temporadas na serra fluminense provocavam no Barão a nostalgia do campo e dos seus engenhos tão queridos e já pouco visitados a esta época. Mesmo assim, tanto que lhe permitissem os trabalhos no Senado e os negócios na Corte, vinha o Barão a Sergipe algumas vezes em companhia da Baronesa e sempre para encontrar o irmão a quem confiara os negócios locais. Após essas prazerosas estadias sergipanas, voltava rejuvenescido ao Rio de Janeiro.

Enquanto durou a Guerra do Paraguai o Barão de Maruim não se afastou do Brasil. Preocupava-o a crescente dificuldade financeira enfrentada pelo Governo Imperial e por mais de uma vez tratou deste tema no Senado, até porque fôra sempre



interlocutor do Visconde de Maracaju, seu conterrâneo, cuja carreira militar tinha sido iniciada no Rio Grande do Sul e atingira o cume na guerra que o elevava ao generalato.

Vencido o conflito que vitimou tantos brasileiros, o Barão de Maruim costumava compará-lo com aquela tragédia que enfrentara como Governador em exercício de Sergipe na epidemia do cólera morbus em 1858.

Essas recorrências da memória o mantinham permanentemente ligado à sua terra. O grão senhor cosmopolita não deixaria jamais embaçar as lembranças da sua Província com os sucessos na Corte.

Grande do Império, Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo, Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro, Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, a estas mais altas condecorações nacionais ajuntou a Comenda da Ordem de São Gregório Magno, que lhe foi outorgada pelo Papa, sem deixar de ser o homem simples e de gosto morigerado que viveu para Sergipe e para os sergipanos, legando um padrão de comportamento austero que é até hoje uma característica dos homens públicos de nossa terra. 



Créditos das Fotografias

1. Google Earth, acessado em 19/12/2018.
2. Porto de Aracaju, Álbum de Sergipe.
3. Rio de Janeiro, LEUZINGER, in Rio de Janeiro 1840-1900, de GEORGE ERMAKOFF, 2ª Edição, 2009, pg. 17.
4. Paris, Internet, acessada em 19/12/2018.
5. Comendas, Internet, acesso em 19/12/2018.

<sup>3</sup>Rufino Enéas Gustavo Galvão (São Cristóvão, 1831 – Rio de Janeiro, 1909).

# NÃO ADIANTA CHORAR A ÁGUA DESPERDIÇADA.



Com a estiagem prolongada, a situação é grave em Sergipe. Mesmo com o trabalho intenso da Deso no monitoramento das redes e perfuração de poços, os reservatórios estão baixando rapidamente. Mais do que nunca, não dá para desperdiçar água. Precisamos mudar de atitude hoje. A água que escoar pelo ralo está perdida e faz falta. Entre nessa campanha e mostre que você também combate o desperdício.

## Como adotar o consumo CONSCIENTE DE ÁGUA:



### 1 ABRA A TORNEIRA APENAS QUANDO NECESSÁRIO.

Ao escovar os dentes com a torneira aberta durante 5 minutos, gastamos **80 litros de água**. Com a torneira fechada, apenas 1 litro.



### 2 FECHÉ O CHUVEIRO ENQUANTO SE ENSABOA.

Um banho de 15 minutos **gasta 250 litros**. Se fecharmos o chuveiro enquanto nos ensaboamos, gastamos apenas 35 litros.



### 3 USE REGADOR PARA MOLHAR AS PLANTAS.

Regar o jardim com mangueira por 10 minutos **desperdiça 186 litros**. Usando o regador, você gasta 20 litros.

#sergipeeconomizaagua

Veja mais dicas em [www.sergipeeconomizaagua.com.br](http://www.sergipeeconomizaagua.com.br)



**SERGIPE**  
GOVERNO DO ESTADO

